



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO (MPLE)

GEIZA COUTINHO DE FREITAS

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM CREI: A INTERDISCURSIVIDADE EM RELATOS
DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO CONTINUADA**

JOÃO PESSOA
ABRIL/2017

GEIZA COUTINHO DE FREITAS

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM CREI: A INTERDISCURSIVIDADE EM RELATOS
DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO CONTINUADA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Teoria Linguística e Métodos.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina de S. Aldrigue

JOÃO PESSOA/PB

ABRIL/2017

F866r Freitas, Geiza Coutinho de.
Relações de gênero em CREI: a interdiscursividade em
relatos profissionais da educação infantil e a formação
continuada / Geiza Coutinho de Freitas. - João Pessoa, 2017.
75 f.

Orientadora: Ana Cristina de S. Aldrigue.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/ CCHL

1. Linguística. 2. Educação infantil – práticas profissionais
3. Relações de gênero. 4. Representações sociais.
5. Interdiscursividade I. Título.

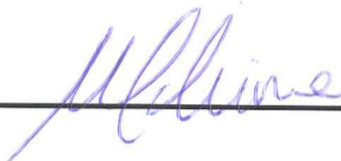
UFPB/BC

CDU: 801:37(043)

GEIZA COUTINHO DE FREITAS

RELAÇÕES DE GÊNERO EM UM CREI: A INTERDISCURSIVIDADE EM RELATOS DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO CONTINUADA.

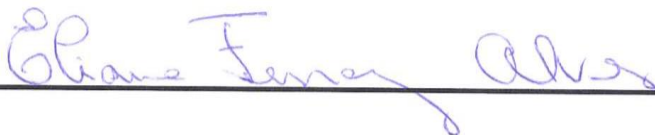
BANCA EXAMINADORA:



Orientador (a): Profa. Dra. Ana Cristina de S. Aldrigue – UFPB



Examinador (a): Profa. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva - UFPB



Examinador (a): Profa. Dra. Eliane Ferraz Alves - UFPB

Suplente: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro - UFCG

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a DEUS, a todas as crianças do CREI Gerusa Olinda de Souza! À minha mãe e ao meu pai, onde o mesmo já está em outro plano, por me proporcionarem a base necessária para a minha jornada; às minhas filhas que sempre serão um pedacinho de mim e minha inspiração para poder prosseguir na caminhada, a todos os funcionários que participaram direta ou indiretamente na realização da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus por me dar força, inteligência e determinação para desenvolver esse trabalho voltado para a Educação Infantil.

A minha orientadora Profa. Dra. Ana Cristina de Sousa Aldrigue, pelas sugestões, seus conhecimentos e que com tanto empenho, carinho, atenção e sabedoria me orientou a realizar este sonho. Agradeço ainda ao programa, a D. Vera e aos Ilustres Professores da Banca examinadora, a Profa. Dra. Eliane Ferraz Alves, a Profa. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva e ao Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro.

Por fim, agradeço a minha família que me ofereceu o tempo necessário para que pudesse concluir mais uma trajetória da minha vida acadêmica.

RESUMO

Esse trabalho, que partiu de um olhar criterioso em relação ao desenvolvimento das atividades pedagógicas de um Centro de Referência da Educação Infantil – CREI – em João Pessoa, objetiva investigar, nos discursos dos profissionais da Educação, os interdiscursos que os perpassam e determinam a representação social nas práticas educativas desses profissionais, proporcionando-os, uma formação continuada, concentrada nas relações de gênero, partindo das seguintes questões: a formação continuada constrói e desconstrói as práticas dos profissionais de Educação Infantil relacionando à identidade de gênero? Há uma preocupação, para que não sejam refletidos, nas vivências desses profissionais com as crianças, padrões estereotipados quanto ao papel do homem e da mulher na sociedade, desfazendo práticas homofóbicas dentro da instituição escolar? Os padrões estereotipados referentes aos modelos de educação familiar, reproduzida ao longo dos anos, pela falta de informação relacionada à temática de gênero, o que decorre em práticas homofóbicas, podem ser observados na forma de falar dos profissionais da Educação com as crianças e na condução das atividades no espaço educativo. Tais práticas, por parte desses profissionais, são vivenciadas na construção da identidade e autonomia das crianças. A partir dessas premissas, surgiu a necessidade de um estudo mais aprofundado para subsidiar uma proposta de formação continuada. A formação continuada, embasada nas concepções das representações sociais e do interdiscurso, busca refletir os discursos das professoras, berçaristas e monitoras no que se refere ao ensino e à aprendizagem das crianças que frequentam o CREI, de 0 a 03 anos, na temática de gênero. Trata-se de uma pesquisa-ação, de caráter quantitativo e qualitativo. Ela foi dividida em duas etapas: na primeira, foram aplicados dois questionários, a fim de verificar o grau de conhecimento dos profissionais a respeito das relações de gênero; na segunda, há uma sugestão de uma proposta de formação continuada, com oficinas de leitura de textos que abordem temas referente à pesquisa, rodas de conversas, depoimentos desses profissionais e construção de relatórios.

Palavras Chave: Relações de Gênero. Interdiscursividade. Representações Sociais.

ABSTRACT

This research, based on a careful look at the development of the pedagogical activities of a Child Education Reference Center - CREI - in João Pessoa, aims to investigate, in the discourses of Education professionals, the interdiscourses that permeate them and determine the social representation in the educational practices of these professionals, providing them with a continuing education focused on gender relations, based on the following questions: does continuing education build and deconstruct the practices of Child Education professionals relating to gender identity? Is there a concern, so that stereotyped patterns of the role of men and women in society are not reflected in the experiences of these professionals with children, and that homophobic practices are broken up within the school institution? The stereotyped patterns regarding family education models, reproduced over the years, due to the lack of information related to the gender theme, which is the result of homophobic practices, can be observed in the way how the teachers talk with children and in driving of activities in the educational space. These practices, on the part of these professionals, are experienced in the construction of the identity and autonomy of the children. From these premises, the need arose for a more in-depth study to subsidize a proposal for continuing education. Continuing education, based on the conceptions of social representations and interdiscourse, seeks to reflect the discourses of teachers, nursery teachers and instructors regarding the teaching and learning of children attending the CREI, from 0 to 03 years old, on the theme of gender. It is an action research, of quantitative and qualitative character. It was divided into two stages: in the first, two questionnaires were applied in order to verify the degree of professional knowledge about gender relations; in the second, there is a suggestion of a continuous formation proposal, with reading workshops of texts that deal with topics related to research, rounds of conversations, statements of these professionals and construction of reports.

Keywords: Gender Relationships. Interdiscursivity. Social Representations.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 2: A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	12
2.1 As concepções de gênero na formação continuada do Educador	18
2.2 A importância da formação continuada dos profissionais em Educação	20
2.3 A formação para além do currículo mínimo	21
CAPÍTULO 3: O INTERDISCURSO COMO FATOR DE IDENTIFICAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	24
CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
CAPÍTULO 5: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES	57

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

A falta de informação a respeito da temática e o preconceito das Identidades de gênero, internalizado ao longo dos anos, padrões estereotipados que a sociedade impõe, geram problemas da não política de aceitação das diversidades no contexto social, cultural, econômico e histórico dentro das escolas, a partir dos profissionais de Educação Infantil. E com isso a dicotomia de gênero masculino e feminino são bem presentes na nossa sociedade, no que se refere ao campo discursivo, sendo algo não tão difícil de ser identificado.

No entanto, o que é mais pertinente, é a construção da ideia de que a divisão entre o feminino e o masculino seria algo natural já pré-determinado, manifestado na organização das crianças, nas mesinhas de sala de aula, nas organizações das filas, na distribuição dos brinquedos, entre outras. Entretanto, faz-se necessário compreender que essas instruções foram constituídas historicamente e aprendidas nas afinidades entre os sujeitos. E, assim, a escola se destaca como um grande panorama de diagnóstico na reprodução dessas dicotomias, uma vez que nela a construção dos sujeitos é traspassada pelas inalteráveis lutas de poder e pelas relações de Gênero.

A categoria de Gênero, desde a antiguidade, era proporcionada com uma diferença rígida, de tal modo que a história feminina restringia-se ao desempenho dos papéis de filha, de mãe e de dona de casa, sem uma vida profissional e sem voz na sociedade.

No princípio, a trajetória masculina oferecia brinquedos criativos, competitivos e independentes para o menino, porém lhe tirava a possibilidade de expressividade: como chorar e sentir. O ser **menina** e o ser **menino** eram transmitidos, em parte, a partir do nascimento, através de uma educação informal, a que determinava as características da categoria de gênero de forma estereotipada. O significado implícito nessa categoria deverá ser construído nas várias fases de desenvolvimento da criança.

Muitas instituições infantis estão internalizadas de práticas homofóbicas, por parte de alguns educadores e profissionais de Educação, que disseminam a discriminação e a separação de gênero no que se remete às crianças da Educação Infantil. Diante de tais práticas homofóbicas e da despreparação desses profissionais, pretendemos desenvolver esse trabalho, a partir de duas ações: uma pesquisa, com o propósito de analisar as referidas práticas e uma proposta de intervenção, através da formação continuada dos profissionais de Educação que atuam no Centro de Referência da Educação Infantil - CREI.

Esse trabalho objetiva investigar, nos discursos dos profissionais da Educação, os interdiscursos que os perpassam e determinam a representação social nas práticas educativas dos profissionais, em um Centro de Referência de Educação Infantil - CREI, no município de João Pessoa, proporcionando a esses profissionais uma formação continuada, concentrada nas relações de gênero, partindo das seguintes questões: a formação continuada constrói e desconstrói as práticas dos profissionais de Educação Infantil relacionando à identidade de gênero? Por parte dos profissionais da educação há uma preocupação, para que não sejam refletidos, nas vivências desses profissionais com as crianças, padrões estereotipados quanto ao papel do homem e da mulher na sociedade, desfazendo práticas homofóbicas dentro da instituição escolar?

Essa iniciativa surge em decorrência da necessidade de desenvolver a temática de gênero e da diversidade no contexto escolar e de promover, junto ao CREI, do município de João Pessoa/PB, alguns estudos alusivos ao enfrentamento de todos os modelos de discriminação, no sentido da constituição de uma cultura dos direitos humanos.

O CREI selecionado para a realização das atividades é o Centro de Referência de Educação Infantil Gerusa Olinda de Souza.

A proposta desse trabalho é de uma grande relevância na Educação básica, com um olhar voltado para a prática do profissional de Educação Infantil, no combate as diferenças com a criança e, com isso, contribuir com a discussão sobre gênero, por ser esta uma temática ainda resistente nas instituições públicas.

Espera-se que as discussões venham promover uma mudança nas práticas desses profissionais no âmbito escolar, em que há diferentes identidades, as quais possam identificar as afinidades e respeitar o coletivo.

As discussões serão abordadas a partir das atividades realizadas na higiene pessoal, no momento das brincadeiras com a diversidade de brinquedos, dramatizando diferentes tipos de profissões. Essas ações enfatizam o papel do homem e da mulher na sociedade, através do lúdico e no uso das cores nos objetos.

Observaremos a hora do banho, como momento de prazer. Por fim, compreender a hora das refeições, como um momento de interação entre as crianças e entre as crianças versus adultos.

Entendemos as discussões sobre a identidade de gênero, como um tema importante a ser abordado na proposta de formação continuada dos profissionais da educação, a fim de que

haja um aprofundamento em situações do cotidiano, referente à Educação Infantil, e às relações aos papéis sociais desenvolvidos por nossas crianças no espaço educativo.

O desconhecimento da temática consolida numa prática homofóbica e discriminatória no ambiente escolar, por isso é de extrema relevância que exista uma discussão mais ampla, a fim de estabelecer intervenções pedagógicas que transformem as práticas homofóbicas, consciente ou inconsciente, em práticas de aceitação das diferenças.

É preciso preservar a criança de qualquer escolha, deixar que sua identidade de gênero seja individual e escolhida por ela, no período certo.

Deixar a criança explorar seu potencial, desenvolver sua aprendizagem, através do lúdico, do concreto, e dos espaços criativos. Cada fase da criança deve ser respeitada e trabalhada conforme a sua idade.

O papel da escola não é o de reproduzir uma educação homofóbica e estereotipada. É importante que os educadores(as) não confundam Identidade de Gênero com papéis sociais de gêneros. Segundo a historiadora Joan Scott (1995)

[...] mostra que o termo gênero a princípio tem a finalidade de ser usado com o objetivo de “ênfatar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Mais do que superar a noção biológica de diferenciação do sexo, o termo gênero também passa a ser analisado a fim de compreender a construção do masculino e do feminino como algo que se dá entre relação do indivíduo e sociedade: “segundo esta visão, as mulheres e homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (p. 72).

Nessa visão, a questão de gênero busca elucidar que homens e mulheres lhes são conferidos relações, papéis e características, a partir do sexo biológico. Do ponto de vista histórico, o conceito não questionou os aspectos das construções das identidades de gênero, mas inicialmente inquietou-se em apresentar suas relações.

Esse trabalho terá como aporte teórico as concepções de interdiscursividade propostas por Maingueneau, entre outros estudiosos em gênero, tais como Louro, Scott, Stoller, Grossi e Foucault.

De acordo com os conceitos sobre relações de gênero na Educação Infantil, partimos da concepção de que as interações instituídas pelas crianças fazem parte entre outras experiências objetivas e subjetivas que vão constituindo as suas personalidades, bem como os papéis sociais e identidade de gênero. Tal fato só será entendido através da compreensão e da formação dos profissionais da educação da temática em foco.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo. Ela será dividida em duas etapas: na primeira etapa será aplicado aos educadores um questionário, visando coletar os vários discursos no que se refere às questões de gênero. O objetivo do questionário é identificar, através dos interdiscursos, as práticas homofóbicas com relação ao gênero e subsidiar a proposta de intervenção para a formação continuada dos educadores.

A segunda etapa será a elaboração de um projeto de intervenção para uma formação continuada.

Esse trabalho será desenvolvido em cinco capítulos. O primeiro capítulo é a introdução que contém objetivo, a justificativa, e a delimitação do trabalho. O segundo capítulo abordará a importância do gênero na Educação Infantil a partir das propostas de LOURO (1998), GROSSI (1997), SCOT (1995), CARRARA (2009) e outros. No terceiro será discutido as questões de interdiscurso com base em MAINGUENEAU (2005) e BRANDÃO (2004) e a Teoria das Representações Sociais, baseado em RECHENA (2012), ARRUDA (2000), SANTOS e ANDRADE (2012). No quarto, será abordado os procedimentos metodológicos da pesquisa e, no quinto e último capítulo, será realizada uma análise, através da coleta de dados dos questionários aplicados aos profissionais da educação e apresentada uma proposta de Formação Continuada.

CAPÍTULO 2: A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Apesar da pouca idade das crianças na educação infantil, os papéis de gênero são influenciados por aqueles vivenciados pelos adultos com quem convivem nos seus contextos sociais e culturais, sejam na família, sejam na escola, entre outras, ou seja, as construções de gênero são conhecidas em diferentes períodos de interação vivenciados entre as crianças.

Nas relações de gênero, por ser um tema ligado à sexualidade ou a papéis sexuais, a preocupação dos profissionais se torna ainda maior por considerar as experiências e necessidades de crianças ainda pequenas e a reação das famílias diante de questões complexas.

Aries (1981) analisou a família em diferentes períodos e observou ser a conservação dos bens a principal função da mesma no período medieval. Só a partir do século XVI é que começa a surgir uma visão de família mais próxima da que hoje conhecemos.

No século XVII (ARIES, 1981), a concepção de infância estava ligada na ideia de dependência: as palavras *filis*, *valets* e *garçon*, faziam parte das palavras do vocabulário dos senhores feudais ou senhoriais de dependência. Eis o motivo pela qual as palavras relacionadas à infância subsistiriam para designar familiarmente, na língua falada, os homens de baixo poder aquisitivo social e financeiro e continuava numa submissão total aos outros. Basicamente não precisava ser uma criança, bastava ser um jovem servidor, para ser chamado de “*Petit garçon*” que significa “menino pequeno”.

Segundo o mesmo autor, (1981), durante o século XVII, adverte ao cuidado que devemos ter com a infância, de acordo com a visão contemporânea em relação à sociedade de outras épocas, tanto na idade média, quanto em outros séculos, XVI, XVII e XVIII, pois a forma como se davam as idades da vida era totalmente diferente das que recebemos hoje.

Outros autores veem uma certa ingenuidade atribuída por Aries em seu estudo com relação à criança, quando ele acredita numa possível “felicidade” inicial na infância, pois segundo DeMause, ao se instituir a infância, denominou-se a concepção de família que privou a criança da liberdade em diversos grupos sociais, em que as mesmas foram vítimas de castigos e opressões cometidas pelos adultos daquela época.

Após um longo período da infância, na idade média, em que se dava pela indiferença aos fatores biológicos, as crianças após os 7 anos participavam efetivamente do mundo dos

adultos, onde aprendiam e desenvolviam trabalhos, jogos e brincadeiras, vivenciados pelos adultos, distante de uma educação escolarizada.

Só a partir do século XVIII, a escola começou a ser um espaço voltado para a educação infantil, separando-as do mundo adulto.

Nos séculos XVI e XVII, os franceses solicitaram do inglês a palavra “baby”, que mencionava as crianças em idade escolar. Foi nesta época em diante o fim dessa história com o francês “bébé”, sendo que a criança recém-nascida recebe esse nome até hoje.

No período medieval e nos séculos XVI, XVII e XVIII, tanto os meninos quanto as meninas vestiam-se iguais, como adultos, usavam um vestido comprido, como as roupas eclesiásticas, trajavam-se usando saia, vestido e avental. A separação entre crianças e adultos ainda não existia, no caso das mulheres.

Os lares eram constituídos e habitados por pessoas de origens diferentes, em que formavam famílias a partir dos diversos tipos de uniões, além da presença de escravos e de parentes próximos, fator que favorecia a origem de filhos não “legitimados” dentro de um mesmo espaço, em sua maioria, filhos de escravos e empregados (ALGRANTI, 1997).

Dáí surge à escola, que serve de início de *asilo* para os filhos dos pobres e passa a ser uma instituição de ensino, cujo objetivo principal era a instrução cultural a clérigos.

Surge a preocupação dos pais em escolher a escola ideal para seus filhos. Nesse momento, a mulher ganha um papel principal na educação dos filhos, quando antes eram educados pelos Sacerdotes e pessoas da comunidade, de modo não formal.

No Brasil do século XIX, enquanto a família burguesa desenvolvia os novos papéis sociais, pelos quais a mulher desempenha o papel principal na maternidade e na orientação da casa, do marido e na educação dos filhos, para sobreviver economicamente, na família com baixo poder aquisitivo, todos os membros trabalhavam, inclusive as crianças, a partir dos dez anos de idade.

Baseado em alguns estudos, a partir dos séculos XIX e XX e XXI no Brasil, a infância constitui seus significados, nos discursos voltados para uma linguagem de gênero, envolvendo vários agentes, como escritores, pedagogos, psicanalistas, profissionais da saúde, médicos, psicólogos, grupos sociais como: igreja, família, e moralistas, não só brasileiros como também europeus e americanos, em que deram e dão até hoje ênfase à educação e à saúde no desenvolvimento infantil.

De acordo com o crescimento dos setores mais qualificados na classe operária, foram introduzidas diferenciações marcantes entre os gêneros, aos quais se aproximaram do padrão imposto pelos Burgueses.

A mulher proletária começa a assumir a casa, a educação dos filhos e o homem passou a trabalhar fora, estabelecendo a sua vida social.

Com esse novo modelo de sociedade, a família começa a ser supervisionada pela mulher e o pai assume o papel de autoridade paterna e de conservadorismo na convivência familiar.

Carvalho (2003, p. 60) acrescenta que os gêneros, denominados como um binário de opostos, estabelecem uma relação de poder, isto é, são representações sociais sujeitas a contestações políticas pela imputação de significados. Ressalta a autora, que as relações de gênero abrangem desigualdade e dominação:

[...] integram um complexo sistema de dominação masculina, fortemente institucionalizado e internalizado, e estruturam todos os aspectos da vida social, expressando-se na cultura, ideologia, violência sexualidade, reprodução, divisão de trabalho, organização do estado e nas práticas discursivas.

Atualmente, ainda temos um modelo de família em que a figura paterna sempre prevalece como uma forma de autoritarismo e poder e a figura feminina ainda desempenha um papel social passivo e sujeito a uma sociedade machista, apesar de grandes conquistas femininas.

Os papéis estabelecidos pela sociedade, relacionados à identidade de gênero, atualmente, remetem as seguintes questões com relação aos papéis desempenhados pelas crianças: “Meninos se pintam?”; “Meninas jogam futebol?”; “Meninos choram?” De acordo com Louro (1997, p. 77), o gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo social, em determinado contexto”.

Compreende-se que, não é necessariamente a diversidade sexual, fisiológica entre homens e mulheres, que determina as questões de gênero, e sim o modelo como ela é concebida culturalmente, por meio da forma de pensar, falar e agir.

A interação das crianças com outras crianças, com os adultos, com os mecanismos de comunicação, tais como a televisão, o cinema, a música e entre outros meios contribuirão para a construção de sua identidade de gênero.

O papel que cabe ao menino e a menina na família e na escola, na sociedade de modo geral, iniciam-se no momento em que a criança nasce, através das cores das roupas, da decoração do quarto, dos brinquedos.

Identidade de gênero corresponde ao anseio individual de ser menino ou menina. Durante muitos períodos de nossas vidas, ampliamos uma inteligência de quem verdadeiramente somos.

O ser homem ou mulher compreende-se por meio de um processo cultural. Ao nascermos com um sexo biológico masculino ou feminino o qual nos tornamos homens e mulheres.

Baseado em Grossi (1998), na sua obra *A Identidade de Gênero*, os papéis de gênero são as maneiras de manifestar ou de representar socialmente a forma de ser macho e fêmea. Há uma variedade cultural dentro da mesma cultura e para outra cultura.

No Brasil, apesar da diversidade cultural, a evidência dos diversificados papéis de homens e de mulheres, é promulgada, por meio da arte de dançar e de cantar, através da música, no trabalho doméstico, nas atividades fora do lar, e nos gestos.

No caso das crianças, principalmente nas brincadeiras, os papéis são bem definidos. De acordo com o princípio da vida, o corpo depende dos saberes proporcionados pelas técnicas apreendidas nas famílias e nas escolas, através das disciplinas e cuidados diários.

As crianças expressam as excitações e desejos corporais no contexto intersubjetivo de acordo com os ensinamentos adquiridos pelos adultos, cuidadoras, professores, berçaristas, no caso da Educação Infantil realizada nos Centro de Referências de Educação Infantil, que vão além do atendimento das necessidades fisiológicas e afetuosas, assim como as normas das instituições escolares, fundamentadas nos três pilares da Educação Básica que são: o cuidar, o brincar e o educar.

A educação interfere nos movimentos exploratórios do corpo e nos seus significados, relacionando valores aos experimentos corporais e constituindo normas para as práticas sexuais. Como exemplo, podemos mencionar a masturbação, liberando a livre exploração ou impondo proibições e censuras.

Embora as crianças nem sempre são inativas de reprodução, às vezes, infringem as regras de disciplinas, criam novas regras para o uso dos corpos, dão outros significados às relações de gênero.

Nesse sentido, os controles dos corpos infantis na escola atravessam uma negociação de seus conhecimentos, relacionados à sexualidade, através da relevância que os

conhecimentos de cognição, afetividade e motricidade são adquiridos na organização do planejamento, através da separação não só do sexo, mas da idade, pela restrição da expressão da sexualidade.

Por esse motivo, sentimentos de vergonha e timidez são extremamente conectados à sexualidade por meio das diversas estratégias de estudo dos corpos, constrangendo a manifestação de comportamentos visto como impróprio ao âmbito escolar.

Partindo desse princípio, é aceitável identificar que, na sociedade em que participamos, o ser feminino ou masculino são objetos construídos historicamente, que envolvem valores, tradições, crenças e regras exclusivas de cada sociedade. Cada ser social possui o seu próprio padrão ideal de homem e mulher.

Dessa forma, entende-se que a escola é um espelho de nossa sociedade, que é intensamente marcada pelo machismo, pelo preconceito relacionado às identidades de gênero, pelo controle de um gênero sobre o outro e pelos estereótipos sexuais.

Concernente a isto, Louro (1997) mostra que a escola não é somente um ambiente para a transferência de informações, mas de ter também a responsabilidade de construir sujeitos no sentido de auxiliar na constituição de identidades de classe, étnicas e/ou de gênero.

Calculo, então, que a escola não somente copia modelos sociais, mas também os capacitam, contribuindo para a sustentação da sociedade referente à que vivemos hoje. Portanto, a nossa sociedade foi edificada com embasamento nas diversidades e, sobretudo, num aspecto sexista. Segundo Nunes e Silva (2000), o sexismo:

[...] consiste em aproximar características que evoquem determinismos diferenciais e conceituações significativas pejorativas entre as identidades de gênero. Significaria reconhecer que o homem, grosso modo, tomado aqui como identidade de gênero, seria identificado e determinado como basicamente lógico, potente, prático, independente, voltado para atividades afirmativas, solidárias, conscientes, racionais e determinadas em aversão a uma concepção de feminilidade intuitiva, emocional, sensitiva, voluntarista e pré-racional (p. 68-69).

Nessa situação, é relevante mencionar que a escola tem colaborado para a divulgação de pensamentos de discriminação e de inferiorização da mulher, através de construções ideológicas de gênero, em que aprecia os modelos de comportamentos masculinos em deformidade dos comportamentos femininos, demarcando o espaço adquirido pelas mulheres na sociedade, internalizando-os de diversidade e opressões, com o objetivo de garantir a manutenção da sociedade patriarcal. Entre todos os ambientes em que analisamos as desigualdades, a linguagem continuará sendo o meio mais essencial para se trabalhar a aceitação das diferenças de uma forma natural, sendo a linguagem adequada a essa sociedade.

Baseado em Louro (1997), a linguagem não só dirige e expressa relações, poderes, lugares, como também produz e almeja estabelecer diferenças.

Um exemplo disso seria o fato de uma aluna entender que, quando a professora disser: “os alunos que acabarem a tarefa podem ir para o recreio”, ela deve sentir-se incluída. Esse e outros exemplos exemplificam formas sexistas de tratamento.

Na linguagem padrão, podemos observar que a concordância com as regras impede que observemos a ambiguidade da expressão homem, que convém indicar tanto o indivíduo do gênero masculino quanto toda a natureza humana. Por isso é que, sempre entendemos em muitas conjunturas, a palavra inclui-se todas as pessoas, incluindo tanto homens quanto mulheres.

Observando a maneira como a escola trabalha com os sujeitos, se mostra que, tanto para menino quanto para menina só existe uma única possibilidade de brincar com seus brinquedos e brincadeiras. Exemplificando: os meninos gostam de bola e as meninas gostam de bonecas, descartando, assim, todas as outras formas de se viver a sexualidade e de se construir a identidade de gênero.

A cultura da heterossexualidade é cultivada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarações homofóbicas. Segundo Louro (2007, p.29), “[...] consentida e ensinada na escola, a homofobia se expressa pelo afastamento, pela imposição do ridículo”, empenhada em construir uma sociedade mais igualitária.

Entende-se que existe uma inquietação através dos(as) docentes com as dúvidas dos(as) discentes, a respeito da sexualidade.

Essa inquietação nos mostra que quando certos preconceitos são construídos ao transcorrer de nossas vidas, entendemos que o grupo social em que convivemos se conduz por uma cultura homofóbica, que se propaga em diversos comandos. É relevante deixar claro que é próprio da homossexualidade, as relações de gênero são repetidas, hierarquizando o masculino e diminuindo o feminino como ressalta Rubin (1993 apud RIOS,):

[...] no seu artigo inicial “O Tráfico de Mulheres”, já advertia como, as categorias dicotômicas de gênero se reproduziam transculturalmente mesmo entre casais do mesmo sexo; e não apenas em termos de atuação, mas também de poder. Foi uma maneira para a diferença erótica poder se propagar sem culpa e por em causa a estrutura que oprime o sistema de sexo-gênero (p. 107).

Segundo Louro (2004), a homofobia se dá ainda, devido à pertinência de um “gênero defeituoso”, os indivíduos homossexuais. Assim, a homofobia “[...] pode se expressar ainda

numa espécie de ‘terror’ em relação à perda do gênero, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher ‘reais’ ou ‘autênticos(as)’ [...]” (LOURO, 2004, pp. 28-29). Isso indica que a visão dos(as) profissionais de Educação precisam estar atentos na sua prática educativa. Como ressalta Foucault (1987), as nossas atitudes são sutis e acabam sendo vistas como algo “natural”.

Ainda segundo Louro (1997), a linguagem desempenha um poder de ocultar o feminino e de negação da homossexualidade.

Podemos observar nas escolas o silêncio a respeito dos homossexuais, evitando que os alunos considerados “normais” se aprofundem no assunto. Algumas crenças sociais consideram a discussão sobre gênero podem transformar esses alunos “normais” iguais aos “diferentes”.

Nessa forma de ocultamento, os homossexuais passam a serem vítimas do processo, sendo discriminados pelos demais. É nesse contexto que os professores(as) devem observar mais os comportamentos dos alunos, em relação à classe, e começa a desenvolver um trabalho que foque nas diferenças, respeitando a desigualdade de expressão sexual em meio a outras e valorizar cada um, envolvendo alguns eixos temáticos, tais como: saúde e afetividade.

É de extrema importância pensar na escola e nos educadores que estão na condução desse processo, como instrumentos fundamentais da educação na transformação e mudança da sociedade, desfazendo preconceitos e devolvendo o respeito às pessoas envolvendo gênero e sexualidade.

2.1 As concepções de gênero na formação continuada do educador

Refletir na educação, atualmente, é pensar no papel do educador frente às questões psicológicas, culturais, econômicas e sociais, em uma sociedade diversificada, plural e contraditória.

Nas diferentes formas de buscar a liberdade e a igualdade de direitos sociais, o homem e a mulher trazem consigo a promessa de se libertar e libertar sua origem, por meio das conquistas do capital cultural (escolar).

Desse modo, a libertação interior, através da cultura se consolida numa libertação também da matéria. Nessa visão, a mente humana se materializa e se constrói na cultura humana, ficando sua expansão através das experiências e da cultura que a nutrem, o capital

mental. Ou seja, o capital mental compreende a inteligência em várias dimensões: racional, lógica, criativa, emocional, dentre outras.

Pensar na educação em um tempo presente e futuro é pensar na problemática da cultura, na necessidade de formar indivíduos, levando em consideração seu desenvolvimento pessoal e social. Além de pensar na sua qualificação, é pensar também em levar a função pedagógica para além da escola, promovendo um conhecimento amplo das fronteiras, do espaço educativo para o campo social, quebrando paradigmas, consolidando as ciências sociais e humanas no resgate do sujeito como principal ator e construtor da sua própria história com suas representações da sua realidade.

Compreendendo o quanto é importante e necessário para a construção do mundo e de outros seres e acreditamos que, isso somente é possível através da auto criticidade e do diálogo silencioso do pensamento, sendo o próprio autor de suas ideias e de significados, interagindo com o meio em que vive, propiciando novas transformações.

Todo o educador precisa relacionar a teoria e a prática conforme a sua visão de mundo, adequando a sua concepção de ensino e de suas escolhas didáticas. Desse modo, alguns profissionais em Educação vão caminhar pelas trilhas de uma educação tradicional, ou tecnicista, e outros pelas trilhas de uma educação libertária. Todavia, é relevante que compreendamos que estamos diante de uma problemática e de uma educação complexa, que requer uma constante reflexão sobre as nossas práticas e desafios propostos ao nosso fazer “aprender”.

Atualmente, estamos vivendo num momento, em que, ao articular-se em aprendizagem, em ensino, não restringimos somente ao ambiente escolar, pois “vivemos numa ‘sociedade pedagógica’, onde uma multiplicidade de instâncias privadas ou públicas são levadas ‘a fazer Pedagogia’” (POURTOIS e DESMET, 1997, p. 35-36).

Entendemos que o professor, ao desenvolver seu papel, deverá se aprofundar, pessoalmente, nas situações de aprendizagem, envolvendo a família, os grupos sociais de um modo geral, a fim de compreender melhor a realidade de cada criança e, assim, poder desenvolver sua prática e uma construção de conhecimentos de forma significativa.

De acordo com Pimenta e Gonçalves (1990, p.80), a analogia entre teoria e prática, na concepção do educador, produz uma cultura docente:

[...] a pluralidade de ‘saberes’ ou a ‘base de conhecimentos’ constantemente mobilizada pelo docente para conduzir sua ação pedagógica no contexto da sala de aula. É nesse espaço que os professores produzem a todo o momento novas

articulações de saberes para fundamentar suas decisões de ação conjunto ao discente.

A formação inicial para professores, que ocorrem nas universidades ou centros de Ensino Superior, caracteriza-se pelos conhecimentos dos saberes teórico. A responsabilidade outorgada aos professores faz com que a sociedade lhes reconheça como detentores ou mediadores do conhecimento.

2.2 A importância da formação continuada dos profissionais em educação

Baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os conceitos sobre Identidade de Gênero na Educação Infantil e a própria aceitação de sua existência, embora esses conceitos tenham surgido no início do século XX, ainda não são integralmente conhecidos e assimilados pela maioria dos(as) educadores(as) que trabalham com crianças.

O profissional, que atua na Base do Ensino Infantil, precisa refletir suas ações, em relação à importância da formação continuada, para melhorar o seu desempenho profissional e, ao fazê-lo, obter uma chance de contrair novos conhecimentos e repensar na sua prática quanto educador, no que se refere às questões de gênero na Educação Infantil. Proporcionar mais qualidade no ensino, segurança, respeito e compromisso com a criança. Nesse contexto, é interessante que o profissional compreenda e se aproprie do que determina a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; no seu Artigo 62, valorizando a formação profissional:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, a modalidade normal.

Baseado em Carrara (2009), trabalhar concomitantemente a problemática de gênero, dentro da diversidade e desigualdade social, é abordar em conjunto a homofobia não apenas como uma proposta inteiramente ousada, mas adequada e necessária de forma pertinente no Brasil, já que a problemática de gênero está atrelada aos problemas sociais e na biografia das sociedades ocidentais.

A problemática de gênero está ligada à restrição do acesso à cidadania, em que as mulheres, até o início do século XX eram excluídas. Baseado em estudos, uma das

comprovações para a não influência às mulheres do direito ao voto, partiu-se da ideia de que elas tinham um cérebro pequeno e pouco desenvolvido em relação ao dos homens.

É imprescindível encontrar no corpo as causas dessas diferenças, ou seja, tornando-as essenciais ou de naturalizá-las, explicá-las pelo predomínio formalizado das regras políticas do Iluminismo, em especial do princípio da igualdade, fundamentado na Revolução Francesa, nas democracias liberais modernas. Dessa forma, somente as desigualdades da personalidade humana, trazidas nos corpos, justificavam o não direito pleno à cidadania.

A escola necessita estar articulada, para proporcionar, não uma verdade absoluta, mas sim, uma orientação, um estudo, uma discussão que possibilite aos profissionais em Educação compreenderem os efeitos éticos e políticos das diferentes concepções sobre o gênero e a constituírem sua própria ideia nos debates provocados por seus formadores, levando em consideração os interdiscursos religiosos e familiares que os profissionais trazem consigo durante a sua trajetória de vida.

Acima das relações históricas, entendemos que existem em situações bem cotidianas discursos sexistas e homofóbicos. Como exemplo, talvez corriqueiro, embora, relacionado a esta discussão: caso uma criança do sexo masculino, manifestar qualquer atitude de preferências por objetos, cores e brinquedos que “denominaram” ser do sexo feminino, logo aparece alguém o chamando de “mulherzinha” ou “mariquinha”. Essa atitude é caracterizada como uma situação homofóbica e discriminatória entre homens e mulheres que apenas se reforçam no cotidiano escolar no que se refere à Educação Infantil na temática em foco, e gerará *bullying*.

2.3 A formação para além do currículo mínimo

No ensino tradicional, a formação do currículo mínimo para o magistério sempre foi considerada suficiente para o educador atuar de maneira satisfatória e eficiente com as crianças da Educação Infantil.

Nos últimos anos deste século, essa forma, lenta e gradual de compreender o currículo, tem sido questionada, porque precisamos avançar e, cada vez mais, se afirma a necessidade de uma formação continuada e permanente para capacitar os educadores. Essa visão se respalda na reflexão sobre o currículo dos docentes nas universidades e centros de formação.

Baseado em Farias (2010), acontece que, na realização dos cursos de formação de professores, compreende-se que existe escassa ou qualquer discussão relacionada à função social do que distingue a cultura da criança.

Essa discursividade, quando existe, ressalta os aspectos operacionais do jogo, da brincadeira e do movimento, dando destaque à forma técnica de apresentar os conteúdos.

A situação fica mais difícil pela falta de conhecimentos e experiências significativas das atividades desenvolvidas, como: jogos, brincadeiras e movimentos na metodologia da formação docente, corroborando, com esse nível, abordagens cognitivas do futuro docente, isoladamente de diferentes dimensões significativas do ser humano (Farias, 2010).

Todo profissional da Educação Infantil precisa adquirir informações para formar cidadãos críticos e conhecedor de seus direitos e deveres e que, além da formação curricular mínima exigida pelo Ministério da Educação, é essencial que esse profissional siga uma busca constante de conhecimentos relativos às práticas educacionais adotadas nas escolas de educação básica, especialmente no Ensino Infantil, no que se refere ao conhecimento do desenvolvimento da criança na área cognitiva, psicomotora, social e afetiva.

Não se deve compreender a criança por uma visão limitada e simplista, estabelecendo uma relação da criança de outrora, que era reconhecida como um papel em branco, que chegava à escola de Educação Infantil, pronto para receber informações processadas pelo professor, através de uma aprendizagem imposta pela escola tradicionalista.

Partindo das concepções de alguns teóricos como: Piaget, Vygotsky e Wallon, que apresentam uma visão sociointeracionista relacionada ao desenvolvimento infantil. A prática pedagógica exige do professor conhecimentos sobre cada criança que chega às suas mãos, diante das diferenças.

O professor deve considerar algumas variáveis da realidade em que ela vive, seja no âmbito político, social e econômico, com objetivos de criar condições e idéias, para que a criança possa adquirir competências e desenvolver várias habilidades, pensando, agindo e transformando a sociedade no processo de interação.

Sabemos que toda mudança gera certa insegurança e muitos professores ainda não aceitam o novo, isso é natural e compreensivo.

É através das polêmicas e dos conflitos que são criadas novas ideias, novos conhecimentos para a resolução de problemas.

Dentro dessa nova expectativa, o docente poderá se apropriar de vários instrumentos, que podem servir como referências na elaboração do currículo a ser desenvolvido com as crianças da Educação Infantil.

Podemos destacar o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- RCNEI (Brasil, 1998), quando citamos um dos eixos que aborda o tema Gênero e sexualidade, dentro de dois pilares fundamentais: A Formação Pessoal e social (Identidade e autonomia), no volume 1; e O conhecimento de mundo (movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade), no volume 2. Esses eixos servem como base para que o professor desenvolva uma prática pedagógica pautada na abordagem de gênero e sexualidade, numa ação integrada dos conteúdos.

É impossível trabalhar os eixos e conteúdos de forma separadamente um dos outros. Assim como não podemos dividir a criança em partes distintas de sua totalidade.

Portanto, é imprescindível lembrar que a formação continuada deve ser trabalhada de uma forma integrada e vivenciada por todos que participam efetivamente da equipe pedagógica do CREI: professores, monitores, gestores, psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, berçaristas etc. Lembrando que este trabalho deve andar em conformidade e em consonância com o Projeto Político Pedagógico - PPP desenvolvido pela instituição.

CAPÍTULO 3: O INTERDISCURSO COMO FATOR DE IDENTIFICAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Há diferentes concepções empregadas, referentes à noção de discurso e a “Análise do Discurso”. Segundo Maingueneau (2005, p. 15), o discurso “é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Para isso traz-se a definição dada por Foucault (1986, p. 136):

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

Nesse contexto, supõe-se, que não se pode dizer tudo no que tange ao discurso, haja vista que no interior de um idioma particular, para uma sociedade, para um lugar, com momentos definidos, apenas uma parte do proferido é acessível e delimita uma identidade.

Existem, ainda, os objetos que se destacam nos discursos como integralmente linguístico-históricos, assim como a visão hermenêutica histórica, mas Maingueneau (2005) defende que não se deve “sacrificar” o discurso. O autor aponta para os diferentes vieses: o da gênese e o da interdiscursividade, através da apreensão do interdiscurso.

Segundo Maingueneau (2005), os linguistas consideram a heterogeneidade enunciativa no discurso de duas formas: heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. A primeira é acessível aos aparelhos linguísticos (permite apreender sequências delimitadas, tais como, discurso citado, autocorreções e outros) e, a segunda, não deixa marcas visíveis (as palavras, os enunciados estão intimamente ligados ao texto, que não podem ser apreendidos por uma abordagem linguística *stricto sensu*). O autor defende a hipótese de que o primado do interdiscurso se inscreve na perspectiva da heterogeneidade constitutiva.

De acordo com Brandão (1991), Maingueneau coloca o primado do interdiscurso sobre o discurso, fazendo a distinção entre “universo discursivo”, “campo discursivo” e “espaço discursivo”, ou seja, não existe discurso autofundado, de origem absoluta. Brandão discorre sobre a configuração de domínios do campo enunciativo, enquanto Foucault indica as formas de coexistência de diferentes formações discursivas que delineiam um campo de concomitância.

Segundo Foucault (1993), no segundo caso, chama a atenção para o perigo da exterminação completa do sujeito feminino na sua contínua fragmentação, do poder absoluto do discurso como produtor real, como objeto único de interesse de estudo.

[...] o domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder. Historicamente, os sujeitos tornam-se conscientes de seus corpos na medida em que haja um investimento disciplinar sobre eles. Quando o poder é exercido sobre o nosso corpo. (FOUCAULT, 1993, p.146)

Baseado em Foucault (1993), procuramos todas as maneiras de resultados, de resistência, de mudança ou de conflito para as formas de impor e de investir na disciplina sobre nossos corpos. Nas relações das práticas e linguagens se instituem sujeitos femininos e masculinos, aconteceram no passado e são até hoje produtoras de “marcas”.

Seres como mulheres e homens adultos adquiriram algumas condutas ou estilo de ser, que parecem ter sido guardados no decorrer dos anos em suas histórias pessoais. Para que se constituam essas marcas, é instituído um investimento significativo numa ação familiar versus escola, igreja, mídia, em que leis compartilham dessa produção. Todos esses grupos sociais realizam uma Pedagogia, constituem um investimento que, constantemente aparece de forma articulada, reforçando identidades e práticas hegemônicas, subordinando, negando ou recusando outras identidades e práticas.

A construção dos sujeitos é realizada através de um processo plural e constante. Entretanto, não sendo um processo do qual os sujeitos participem como apenas receptores, manipulados e alvejados por grupos externos e organizados e monopolizados por estratégias de outros. Ao contrário disso, os sujeitos se apresentam como seres que participam ativamente na constituição de suas respectivas identidades. Se inúmeros grupos sociais, entre eles a escola, pregam uma Pedagogia de sexualidade e de Gênero e coloca em prática todas as tecnologias necessárias disponibilizadas pelo governo, esses processos darão prosseguimento e irão resultar num autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercerão sobre si mesmos.

Baseado em Louro, (1997-1998), na produção social de mulheres e de homens, ainda que de forma inconsciente, há um investimento contínuo e produtivo, através dos sujeitos adequados na decisão de seu modo de vida, de sua sexualidade e de seu gênero.

Embora com todas as incoerências e vulnerabilidades, que apontam esse investimento cultural, a sociedade batalha de forma intencional em produzir uma identidade masculina ou feminina, caracterizada “normal” e constante. Através desse entendimento são articuladas as identidades de gênero “normais” a um padrão único de identidade sexual: a identidade heterossexual.

Baseado em Máirtín Marc an Ghaill (1994), ao relatar uma experiência de afetividade entre um aluno, que vivenciou enquanto professor de uma escola secundária Inglesa, as coisas ficam mais complicadas para aqueles que compreendem através de interesses ou aspirações diferentes da regra heterossexual.

O silêncio é uma das alternativas para alguns que se percebem dessa forma. Entendemos que a produção da heterossexualidade em que a rejeição é expressada muitas vezes nas declarações homofóbicas. O filósofo citado acima deixou claro que, quando existe uma manifestação de afetividade entre meninos e homens, resulta em um motivo de uma vigilância intensificada, do que entre meninas e mulheres, por parte de pessoas que caracterizam-se ser homofóbicas devido suas atitudes.

A experiência vivenciada pelo professor teve uma repercussão em toda a escola, isso fazemos uma associação às relações de gênero não trabalhadas no âmbito escolar. Para se demonstrar afetividade e reconhecimento de algo por alguém é independente do sexo, idade, cor, raça, religião, gênero e sexualidade.

Segundo Aida Recheda, (2011, p. 1) corrobora que

a teoria das representações sociais (TRS) é uma das principais correntes teóricas da Psicologia Social e tem como objeto de estudo a interação entre o indivíduo e a sociedade na construção da realidade.

É notória a importância da representação feminina na Educação Infantil, estendendo-se aos demais segmentos da Educação, como o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Até hoje os cursos de formação de educadores, na sua grande maioria, são frequentados por mulheres.

Partindo do século XX para o século XXI houve grandes mudanças, o que demonstra o dinamismo das representações sociais, as constantes mudanças e as novas construções.

Faz-se necessário contextualizar o curso que forma inicialmente o(a) professor(a) da Educação Infantil, o curso de Pedagogia. É necessário salientar que o curso de Pedagogia sofreu várias modificações; até a década de 1990 só preparava corpo técnico escolar. Mas, com a reformulação curricular e com novas exigências oriundas da LDB - (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), passou a formar professores de Educação Infantil e Fundamental, a partir do primeiro período de 1997.

De acordo com Carmem Sevilla e Fernando Cèsar (2012), o curso de Pedagogia é composto, na sua maioria, do público feminino, em pesquisa realizada. Foi perguntado, “o que leva as mulheres a escolherem o curso de Pedagogia e o que afasta os homens dessa área

profissional?”. Como resposta, entende-se que mesmo com a luta da equidade de gênero, alguns homens que estão exercendo a profissão do magistério ou que já concluíram o curso Superior de Pedagogia, ainda sentem algumas dificuldades em conquistar o seu espaço enquanto professor nessa área, principalmente nos cursos de Educação Infantil.

O preconceito ainda está internalizado nos discursos da sociedade que chamam esses profissionais de “gays” ou “mulherzinhas”. A homofobia se perpetua nesses discursos, fazendo com que muitos homens, mesmo admirando a profissão, se sentem intimidados e discriminados ao ponto de não ingressar na profissão.

Dessa forma, nas vagas das Universidades e dos concursos ainda predomina o sexo feminino, considerando que as práticas sociais, no que diz respeito ao papel da mulher se faz presente até na escolha desta profissão, de forma predominante.

Em entrevistas analisadas na pesquisa de Carmem Sevilla e Fernando César, no curso de Pedagogia da UFPB, foi constatado que ainda predomina entre as alunas a ideia de que Pedagogia é uma área feminina, por ser uma extensão do papel de mãe.

Muitas das entrevistadas aconselharam que todas as mulheres devessem fazer esse curso para entender melhor os filhos e os maridos. *“É dever da mulher conhecer a Pedagogia, educar. Por ser mãe eu vejo que toda mulher deveria cursar a Pedagogia”*. (SEVILLA e CÉZAR, 2012, p.6).

Baseado, ainda, em Sevilla e César, (2012), a Pedagogia é analisada, nesse discurso, como influência da educação materna. Se dessa forma a Pedagogia é indispensável para mãe na educação dos filhos, porquanto não estimular os pais a cursá-lo também? Os escritores aqui não quiseram afirmar que a Pedagogia reforce, essencialmente, na educação dos filhos, mas sugerem que: “a atribuição da educação dos filhos não se restrinja somente à mulher, queremos destacar a relevância do papel do pai na educação e no desenvolvimento dos filhos”. Segundo Sevilla e César, (2012, pp. 70-71):

Diante de uma visão tão restrita, parece que a concepção do papel da mulher e do homem dentro da sociedade, ditada pela igreja Católica na época do Brasil Colônia, continua presente nessas representações. Muitos veem a Pedagogia como um dom: para quem deseja ser professor não deve levar em consideração o financeiro e deve adquirir outra atividade para garantir seu sustento, nesse contexto, só o amor justifica uma escolha inicialmente tão pouco promissora. Sabemos que o amor à tarefa assumida é um dos elementos essenciais para o desempenho de qualquer profissão, sem esquecermos, é claro, do preparo acadêmico. Entendemos que em toda atividade profissional deve existir o elemento satisfação.

De acordo com Almeida (1996), para a realização de cada profissão, é essencial o contentamento, satisfação, o gostar. Entretanto, como bem sobrepõe essa autora, “a incorporação dos atributos afetivos em determinada profissão, seja qual for, não retira dela o conhecimento e as técnicas necessárias para sua valorização e correto desempenho.” (Sevilla e C  zar, 2012, p.71-72)

A deprecia  o da profissão de Professor    evidente. Devido ser mal remunerada, a sociedade denomina a profissão como dom, em seguida tem uma ideia depreciada do curso. O próprio professor não d   o devido valor, apesar de já estar exercendo a profissão há diversos anos, acha desnecessária a realiza  o de uma forma  o acadêmica para o exercício da profissão e entende serem suficientes os conhecimentos que já possuem.

A partir do momento que esses ou essas profissionais ingressam no curso, eles irão constatar que o curso poderá acrescentar-lhe muitos conhecimentos, mudando assim a imagem que tem dele.

O preconceito e as marcas em rela  o ao curso ainda estão tão presentes quando, muitas vezes,    entendido como curso para pessoas menos inteligentes:    fácil de ingressar nele, devido    média para aprova  o ser mais baixa do que a de outros cursos com bem mais concorrências. (Sevilla e C  zar, 2012, p.73).

A identidade de gênero se faz presente na afirma  o de Almeida (op.cit.):

Sobre conciliar a condi  o que se deseja    possível de se obter. Sua condi  o de mulher, mãe e esposa não permite que ela v   atrás da realiza  o do sonho de ser aero moça. O melhor    “assentar a cabeça” e fincar os pés em terra firme, ou seja, “cair na real”, e procurar alguma ocupa  o que não venha a colidir com sua realidade, prejudicando a condi  o em que se encontra. (SEVILLA e C  ZAR, 2012, p.74)

No discurso de algumas alunas do curso de Pedagogia, a referência ao preconceito indica a presença do conflito decorrente da desvaloriza  o do curso, associado    condi  o feminina. O que se pode observar    que não são são elas que experimentam esse conflito, como t  mb  m os homens que cursam Pedagogia t  mb  m sofrem discrimina  o, muitas vezes duplas, pois além de profissionalmente pouco reconhecidos, ainda ocupam um papel representado como eminentemente feminino. (Sevilla e C  zar, 2012, p. 76)

Muraco (1993) afirma: “Muitos afirmam que a profissão de professor desvalorizou-se depois que a mulher passou a exerc  -la”.

Houve uma época em que o professor tinha prestígio pela influência intelectual que exercia, por ser letrado e possuidor de conhecimentos. Com a ascensão dos valores

capitalistas (segundo os quais se é valorizado pelo que se tem e não pelo que se é) e com o maior acesso à educação básica no século XX, o professor foi progressivamente perdendo seu prestígio. (Sevilla e Cézar, 2012, p.77).

E porque não dizer que até hoje, nos dias atuais, o professor sofre uma discriminação social, no que se refere ao exercício de sua profissão, com exceção dos professores universitários.

É imprescindível a importância da valorização dessa categoria profissional de Professores, pois acreditamos que com essa valorização, a sociedade deixará de considerar que o cargo de professor de Educação Básica deverá ser exercido apenas por mulheres.

Acreditamos que o senso de igualdade social será permeado e discutido com mais afinco em toda área pedagógica e os homens ganharão um espaço de equidade perante as mulheres e as mulheres de equiparação de salários iguais aos homens. As relações de gênero terão um grande espaço no meio profissional, no que diz respeito aos professores de educação básica, especialmente aos profissionais de Educação Infantil.

Após a Antropologia e a Sociologia, é na história que o conceito de representação apresenta seu maior desenvolvimento na busca das estruturas mentais entendidas na visão de Ariès (1990).

Ariès (1994-1984) descobre novos campos de busca para a história, assim como os estudos sobre a demografia. A família, a sexualidade, a morte, a sociabilidade, grupos etários, a criminalidade, a alimentação, a doença, as mulheres e as crianças, logo, todo um conjunto de novos objetos socialmente construídos que atualmente nos parece óbvios, mas que só entrou para a averiguação histórica na segunda metade do século XX.

De acordo com a realidade da instituição escolar da educação básica, nos espaços infantis, visto como lugares de representação social, e onde acontece a interação entre indivíduo/sociedade, entendemos a escola como um patrimônio cultural. Queremos mostrar a relevância da TRS como instrumento imprescindível na construção e desconstrução da identidade de gênero e sexualidade, como as práticas sociais e o interdiscurso refletem nos papéis sociais de gênero, quanto o ser “menino” e o ser “menina”, através do interdiscurso do professor, em que adquiriu ensinamentos homofóbicos e preconceituosos quanto ao papel do homem e da mulher.

Até que ponto essas representações sociais, da família, da igreja e vários grupos sociais alegados pelo professor podem interferir nessas construções e desconstruções de identidades de gênero das crianças pequenas da Educação Infantil?

Desse modo, entendemos que a criança aprende, constrói e desconstrói sua identidade, interagindo com as práticas sociais vivenciadas no seu meio cultural. Entendemos, ainda, que a relação de domínio e poder estão sempre presente nas escolas, no que se refere aos ensinamentos infantis, resultando em interferência da teoria das representações sociais para as práticas educativas.

Segundo Ângela Arruda (2000, pp. 118-119),

As teorias feministas abordam a importância do contexto cultural, histórico, normativo e emocional dos comportamentos. Criticam a sua falta na pesquisa em psicologia, relata ainda que essa falha reflete no sobre dimensionamento do papel da personalidade no que se refere ao comportamento e faz uma relação com a crítica de “Farr” que prega uma psicologia individualista. Farr privilegia a visão e o papel dos indivíduos, a sociologia, a psicologia social, a qual está inserida a teoria das representações sociais, dentro do contexto sociocultural no qual estão inseridos os sujeitos.

A teoria feminista ataca a crítica do dualismo, que tenta a apagar os limites entre o meio ambiente e cultura, que aparecem no pensamento ocidental moderno da seguinte forma: separação entre razão/emoção, objetividade/subjetividade, mente/corpo, abstrato/concreto, público/privado.

A relação entre teorias emergentes e teorias feministas e a teoria das representações sociais fazem parte de um movimento mais amplo em relação com o real e a construção do conhecimento científico de acordo com estas e outras teorias emergentes. Dessa forma, eles realizam velhas aquisições, trazem uma nova visão aos problemas.

A teoria das representações sociais apresenta as facetas omitidas do conhecimento humano, valorizando o saber do senso comum, através dos diálogos e experiências de vida das pessoas e de acordo com a sua própria realidade.

É de grande relevância tratar de temas e de formas com as quais aprendemos esses discursos, através da apropriação de uma linguagem de Gênero, que nos ensina sobre o que falar, sobre o que calar, sobre o que mostrar e o que esconder.

Quem pode falar e quem pode ser calado. Procuramos mostrar, ainda, que podemos e devemos duvidar de algumas verdades e certezas em relação aos corpos e a sexualidade. Vale a pena discutir o discurso sobre a relação aos corpos e a forma como sexualidade é veiculada, bem como sobre as formas como as identidades e práticas têm sido aceitas ou desprezadas pela sociedade.

Quando a criança vivencia a construção de sua própria identidade de Gênero, aprende a revelar o seu eu e a descobrir como os outros a reconhece perante a sociedade.

Entendemos que a identidade é construída desde o nascimento, pois a criança nasce em família, ou em uma comunidade social já em andamento, constituída de valores, crenças e várias concepções de mundo.

A criança constrói sua identidade de gênero interagindo com a linguagem e as práticas sócios culturais, aprendendo a identificar, relacionando-se e posicionando-se perante os discursos a que pertencem ao seu cotidiano. Sabendo-se, no entanto, que os cotidianos, familiar e social, contribuem para a formação de sua identidade.

Devido a abordagem pós-estruturalista, a linguagem escrita e visual, sofre uma influência muito forte na construção da identidade da criança, interfere na forma como ela interage e deriva as noções de gênero, através das representações simbólicas.

O papel da linguagem é de extrema relevância na educação infantil, pois é através dos contos, brincadeiras e práticas numa linguagem de gênero que a criança vai aprender a respeitar a diversidade seja na cor, raça, e religião e a construir sua própria identidade, numa perspectiva lúdica e concreta dentro do âmbito escolar.

É imprescindível que a Secretaria de Educação distribua materiais pedagógicos específicos, para a realização deste trabalho, começando da base, que é a Educação Infantil.

É relevante que a partir deste trabalho os gestores, professores, supervisores, assistentes sociais, monitores, berçaristas, que atuam dentro dos Centros de Referência de Educação Infantil, revejam seus discursos e busquem na linguagem de gênero novas metodologias de trabalho para desenvolver com as crianças atividades significativas e contextualizadas e não mais reproduzam uma linguagem estereotipada e preconceituosa, colocando em risco as futuras crianças frustradas e complexadas, dentro de uma sociedade que já é por si só marginalizada.

Baseado em (Martin, 2004), a criança se identifica com os personagens que lhe são apresentados no momento das atividades, inclusive a presença do pai e da mãe nestas figuras como personagens principais.

Outro modo que a criança tem de explorar a linguagem visual é quando ela compreende a identidade de gênero na visão binária, no período em que ela identifica as atribuições dadas para cada gênero.

A criança é inteligente para perceber que a escola, a sociedade lhe impõe que “brincar de boneca são papéis das meninas”, apesar do menino sentir o desejo de brincar com a boneca e não o faz.

Segundo Francis (1997), esse fato ocorre pelo medo de repressão, partindo muitas das vezes do professor, monitor, ou de outro profissional que esteja conduzindo as atividades naquele determinado momento.

Entendemos que, através de estudos sobre gênero, as crianças pequenas são apenas crianças que querem e desejam brincar, com brinquedos que lhe despertem a atenção. Observamos, ainda, que o brincar ajuda a desenvolver papéis sociais que vão lhe ensinar para a vida. Compreendemos que, quando o menino brinca de boneca, ele está expressando sua vontade de ser um possível pai no futuro, no mínimo carinhoso, responsável e amigo do seu filho. São os papéis sociais representados através das brincadeiras.

Sabemos que a sociedade criou essa barreira do menino em relação à boneca durante muitos anos e, ao presenciarmos tantos crimes, tendo a participação da mulher na sociedade, através de estudos realizados por pesquisadores na área de gênero, entendemos que reações como estas, são resultados dos frutos dessa educação estereotipada, e de uma prática homofóbica, por parte de muitos educadores que não se permitiram e nem se permitem a mudanças e ao crescimento pedagógico, a fim de levar para a sala de aula, metodologias que desenvolvam as questões de gênero, de uma forma lúdica e prazerosa.

Embora já houve um grande avanço, depois da fabricação do boneco Ken (namorado da Barbie), acreditamos que o machismo camuflado ainda está internalizado de forma subjetiva, em que o menino só poderia brincar com o boneco, por ser do gênero masculino e não com a Barbie, por ser do gênero feminino. As meninas são quem brincam com a boneca. Acreditamos que é nessa relação entre o interdiscurso e a representação social que conseguiremos identificar os principais problemas que envolvem a formação dos profissionais da Educação Infantil.

CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As marcas de gênero, dentro de uma relação de poder, ao longo dos anos, em diversas instâncias culturais, como a escola, mídia, publicidade, religião, família entre outras, impõe modos de ser menino/menina.

Nesse sentido, esse trabalho objetiva discutir a visão do profissional de Educação Infantil, melhorando a sua ação metodológica, articulando estudos de gêneros e estudos Foucaultianos.

Como cenário, elegemos um Centro de Referência de Educação Infantil Municipal dessa capital, para realizarmos uma formação em práticas de leitura e escrita, que envolva os Profissionais de Educação Infantil, como análise da Prática Educativa, voltada para o ensino-aprendizagem de seus alunos nas relações de gênero.

A metodologia desse trabalho se deu, inicialmente, através de uma pesquisa, partindo de observações realizadas no cotidiano escolar sobre as noções de gênero, vivenciadas, sobretudo, nos discursos, ações desses profissionais, em relação às crianças de 0 a 03 anos de idade. Foram levados e observados os enunciados que os mesmos constroem e os efeitos de sentido sobre a relação de gênero.

Nesse ambiente escolar, foi observado que as discriminações, proibições e medidas corretivas distintas, nas relações de gênero entre as crianças, onde sua forma de brincar, falar e agir ou de se expressar são reguladas e controladas a todo instante.

Os momentos da construção da identidade ainda são regulados em que as professoras, monitoras e berçaristas sentem dificuldades em saber lidar com essas situações, interferindo de uma forma direta no processo de construção da identidade de gênero das crianças pequenas.

Por essa razão é que a formação docente é imprescindível, preparando profissionais da Educação Infantil para saber lidar com as várias manifestações acerca das relações de gênero. O que existe, na realidade, é uma formação ocorrendo, muitas vezes, constituída de heterossexismo e estereótipos, distante de uma formação com ênfase para a equidade de gênero.

Partimos da escolha de supostos nomes dados a cada profissional, nomes esses, que todas acharam de como um acordo ser chamadas a partir de um adjetivo dado a cada uma delas, conforme suas próprias escolhas, características ou identificação pessoal.

A metodologia utilizada nesse estudo, conforme o objetivo proposto trata-se de uma

pesquisa-ação como definida por Thiollent (1985, p.14): “uma pesquisa empírica, de forma que, os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”, uma vez que pretendeu identificar o interdiscurso desses profissionais de Educação Infantil nas relações de gênero, utilizando-se questionários e sugerindo-se formação continuada para os profissionais desse Centro de Referência.

A pesquisa-ação caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Todavia, a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnica ou outro (THIOLLENT, 1985).

A decisão por desenvolver o trabalho na área de Educação se dá devido à pesquisa-ação educacional ter a preocupação de apresentar uma atividade estratégica para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, de modo que os professores possam utilizar suas propostas de trabalho e quiçá, para aprimorar o ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.

Nesse sentido, vale salientar que o planejamento da pesquisa-ação difere significativamente de outros tipos de pesquisa. A mesma ocorre num constante “vaivém” entre as fases são determinadas pela dinâmica do pesquisador em seu relacionamento com a situação pesquisada. Dessa forma, o que se pode é apresentar alguns conjuntos de ações, tais como: fase exploratória, formulação do problema, construção da hipótese, seleção da amostra, coleta dos dados, análise e interpretação dos dados e elaboração do plano de ação (GIL, 2008).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa.

Segundo Sampieri e Mendoza (2008, p. 550), os métodos mistos representam “um conjunto de processos sistemáticos e críticos de pesquisa implicam a coleta e a análise de dados quantitativos e qualitativos, assim como, sua integração e discussão conjunta, para realizar interferências como produto de toda informação coletada”.

Os métodos de pesquisa mista são a integração sistemática dos métodos quantitativo e qualitativo em um só estudo, cuja finalidade é obter um resultado mais completo do fenômeno estudado.

Quanto aos critérios de definição da escolha de um Centro de Referência de Educação Infantil (CREI), na cidade de João Pessoa, deu-se ao trabalho já desenvolvido pela pesquisadora nessa instituição e o interesse em ampliar os seus conhecimentos para realizar de forma mais efetiva as diversas atividades desenvolvidas naquele contexto escolar.

Além disso, a autora pretende contribuir com outros profissionais e para a sociedade, através de ações práticas acerca das relações de gênero.

Considerando que o interesse da pesquisa voltou-se para práticas pedagógicas com intervenções, foi desenvolvida em duas etapas: na primeira etapa foram aplicados aos educadores 02 questionários visando a coletar os vários discursos no que se refere às questões de gênero. O objetivo dos questionários é investigar, através dos interdiscursos, a origem das práticas homofóbicas relacionada ao gênero e, a segunda etapa, foi sugerido uma proposta de um projeto de intervenção para uma formação continuada voltada para a temática de gênero na educação infantil.

Uma vez que a pesquisa voltou-se para práticas pedagógicas com intervenções, foi desenvolvida em duas etapas: 1) uma, de caráter teórico e teórico prático, para fundamentar a proposta de intervenção pedagógica na Escola Básica na qual a pesquisa se desenvolve; e 2) outra, de caráter prático, ao apresentar uma proposta de trabalho de intervenção, utilizando a formação continuada para os profissionais que trabalham com as crianças de 0 a 03 anos de idade, do referido CREI: quatro professoras, duas monitoras, seis berçaristas e uma supervisora, com crianças dentro da faixa etária de seis meses até três anos.

Os encontros tiveram a duração de 04 meses, sendo estes quinzenais e com o tempo de duas horas cada encontro.

A intervenção realizou-se no próprio CREI e foi dividida em dois momentos: a) num primeiro momento foi realizada a aplicação de dois questionários semiestruturados, com questões subjetivas conforme (Apêndice 1); b) no segundo momento, uma proposta acerca da formação continuada com base nas informações nos interdiscursos dos profissionais da educação.

Essa formação será realizada em encontros pedagógicos quinzenais, nos quais serão discutidas as questões de gênero e homofobia. Esses temas são abordando nos seguintes eixos temáticos: Língua Portuguesa, Artes, Sociedade e natureza, Música e movimento, Identidade e Autonomia e Matemática.

Na Língua Portuguesa, através dos gêneros literários infantis, as identidades de Gênero podem ser trabalhadas, mediante a análise dos personagens e descrição de suas características.

Na Arte, as questões de homofobia podem ser discutidas e analisadas por meio da dança. O balé, especificamente, em que a discriminação dos meninos que se interessam por sua prática é muito presente e se faz necessário ser debatida.

Nos eixos de “Sociedade e Natureza” podem ser trabalhados os comportamentos diversificados de homens e mulheres em diferentes culturas em comportamentos individuais. A conquista das mulheres por seus direitos e as enormes diferenças que podem ser encontradas ainda hoje nas diversas partes do mundo.

Em Música e Movimento, também podem acontecer de persistirem em antigos estereótipos ligados ao gênero, como na seleção das músicas, na hora dos exercícios físicos dirigidos a meninas (brincar de bonecas) e meninos (jogar bola), em que o Professor poderá intervir para garantir as mesmas oportunidades de participação de ambos os gêneros, ao mesmo tempo em que respeitem os interesses existentes entre seus alunos e alunas.

No eixo de Identidade e Autonomia serão trabalhadas as atividades pedagógicas, de forma que as crianças, através de recursos e materiais didáticos disponíveis, podem demonstrar suas escolhas e expressar seus sentimentos, partindo de um conto, de uma música, de objetos que aflorem suas ideias e fantasias, viajando no mundo do faz-de-conta, desenvolvendo, assim, o processo de construção de sua identidade de gênero e sua própria autonomia.

No eixo de Matemática, o Educador pode utilizar na construção de pequenos gráficos, através de dados colhidos para análises sobre avanços progressivos do movimento de mulheres ao longo do tempo. Esses avanços referem-se principalmente a maior participação delas na esfera pública, na cultura, no trabalho remunerado e outras. Nos jogos educativos, respeitando as escolhas dos mesmos, tanto pelas meninas quanto pelos meninos, sem qualquer interferência por parte dos educadores e educadoras, que estarão conduzindo as atividades lúdicas.

A pesquisa se deu através de dois questionários, em que no questionário I, as perguntas realizadas foram voltadas para todas as profissionais de sala, no que se refere às professoras, berçaristas e monitoras, questões essas em que foi levado em consideração o grau de instrução das berçaristas e monitoras em que abordaram o conhecimento de relações de gênero, de forma elementar, gostos e preferências pelas cores, amizades, religião, partindo da estrutura maior que é a família.

A infância foi a porta principal, em que todas se reportaram as suas vivências, brincadeiras, aos amigos a qual compartilharam suas amizades e, de uma forma geral, como essas lembranças interferiram e interferem até hoje nas suas práticas educativas e nas suas vidas pessoais.

O questionário II foi mais direcionado as Professoras que já possuem um nível mais elevado de conhecimento e de melhor entendimento das questões abordadas. Foram

trabalhadas apenas duas questões, sendo que a primeira foi mencionada acerca das representações sociais, de forma que foi questionado até que ponto as representações sociais influenciaram nas suas escolhas profissionais, no que se refere ao ingresso do magistério e no curso de Pedagogia?

E na segunda questão foram abordadas as questões dos preconceitos que a sociedade nos impõe ao longo dos anos e foi pedido que cada professora desse sua opinião em relação ao trabalhar à temática de gênero na educação infantil, se contribuiria ou não para a desmistificação desses preconceitos.

Nas análises dos resultados vamos entender todas essas questões, a partir das respostas dadas por cada berçarista, monitora e por cada professora que participou de forma direta desta pesquisa.

Foi de extrema relevância trabalhar estes questionários, envolvendo essa temática de gênero, voltada para as representações sociais, e só daí poder entender os interdiscursos que perpassam na fala de cada profissional que trabalha diretamente com a criança na Educação Infantil.

As subjetividades dos interdiscursos apareceram em cada fala, em cada registro, e em cada discurso realizado por todos os participantes dessa pesquisa.

Foi através dos interdiscursos que pudemos observar e entender o porquê das reações e a presença das práticas de homofobia consciente ou inconsciente daqueles profissionais em relação ao ensino – aprendizagem das crianças, no que se refere à temática de gênero.

É pertinente esse estudo, ao proporcionar uma formação continuada, embasada em teóricos e oficinas pedagógicas enriquecidas de materiais didáticos e paradidáticos, voltados para o lúdico, que contemplem essa temática de gênero, a fim de mediar e subsidiar aos nossos profissionais de CREI, um conhecimento mais aprofundado do tema e uma nova metodologia de trabalho adequada aos nossos educandos da base menor, que é a educação infantil.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste Capítulo serão analisados os questionários aplicados aos profissionais do CREI junto aos quais foi desenvolvida a pesquisa.

Optamos fazer a análise separadamente dos questionários, haja vista, o primeiro dá ênfase às questões de gênero e ser aplicado a todos os profissionais de sala do CREI: berçaristas, monitoras e professoras.

O segundo questionário foi elaborado e voltado apenas para as professoras de sala, o qual abordou duas questões, uma voltada para a influência das representações sociais na escolha do Curso de Pedagogia ou Magistério; e a outra voltada para a importância de se trabalhar a temática de gênero na Educação Infantil, como forma de desmistificação de preconceitos.

5.1 Análise dos Questionários

O Questionário 01 foi aplicado com o objetivo de realizar uma sondagem durante os contatos iniciais.

Para a aplicação do questionário podemos verificar grande resistência por parte de alguns profissionais de educação, em relação ao tema abordado e a falta de conhecimento sobre o assunto. Percebeu-se certo “receio” de responder às perguntas, ora pela falta de informação da própria participante, ora pela preocupação em responder de forma “incorreta” as questões.

Em nossa intervenção, observamos o quanto as profissionais abordadas, pelas dúvidas apresentadas, desconhecem a temática de gênero. Encontramos as seguintes respostas para a primeira questão sobre os conhecimentos que os/as profissionais têm sobre relações de gênero:

	Monitora AMIGA: <i>“Diferenças entre homem e mulher, identidade formada”</i>
	Monitora EXTROVERTIDA: <i>“homem/ menino e mulher/ menina”</i>
	Professora INTERESSADA: <i>“relações de gênero se referem ao olhar da pessoa sobre si: como se identifica, se homem, se mulher ou se ela se vê “fora do convencional.”</i>

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Identidade de Gênero?	Professora SINCERA: <i>“Gênero é como a pessoa se identifica”</i>
	Professora ENIGMA: <i>“A realidade do dia a dia, leitura, alguns documentários, filmes e etc.”</i>
	Professora ADORÁVEL: <i>“que não devemos separar meninos de meninas, que a sociedade e a religião influenciam bastante em relação à abordagem do tema”.</i>
	Berçarista INTENSA: <i>“Eu não sei responder, pois comecei o curso de pedagogia há pouco tempo”</i>
	Berçarista PRUDÊNCIA: <i>“No momento só quero observar”</i>
	Berçarista DINÂMICA: <i>“gênero pra mim é você ter uma identidade própria masculina / feminina”.</i>
	Supervisora COMPETENTE: <i>“o tema abre um leque para que o educador amadureça seu comportamento e pensamento em relação ao respeito a liberdade das crianças no brincar e nas suas escolhas”.</i>

As berçaristas POSITIVA, CLARA E OBJETIVA afirmaram não saber responder sobre a temática de gênero.

Com relação às respostas apresentadas, podemos observar que há uma relação entre sexo feminino e sexo masculino, como por exemplo, nas respostas *“Diferenças entre homem e mulher, identidade formada”*, *“homem/ menino e mulher/ menina”*, *“gênero pra mim é você ter uma identidade própria masculina / feminina”*.

Porém, em algumas respostas podemos identificar que há conhecimento na perspectiva de gênero. A maioria das respostas não foi considerada satisfatória, em relação ao conceito de Bourdeau (1999, p.23) que diz: “um par de opostos que constituem uma relação, e as relações de gênero são relações de poder em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas”.

A professora Adorável demonstra, em sua resposta, conhecimento sobre o assunto, fazendo uma crítica sobre a influência muito forte da sociedade e da religião em relação à temática e, também, apontando marcas de interdiscursividade nas relações de poder.

Outra resposta que demonstra o conhecimento sobre o tema é a da supervisora COMPETENTE: *“o tema abre um leque para que o educador amadureça seu comportamento e pensamento em relação ao respeito, à liberdade das crianças no brincar e nas suas escolhas”.*

Nas demais perguntas, segundo as profissionais que participaram da pesquisa, em relação à elaboração de projetos e atividades, as educadoras responderam que sentem muita

difficuldade em trabalhar as atividades relacionadas à temática, pois pouco é discutida essa abordagem de gênero nas formações das quais participam.

Entendemos que elas têm dificuldades em discutir e lidar com as relações de gênero e, ainda, não se sentem à vontade para estabelecer um diálogo franco sobre determinados assuntos ligados à temática em foco.

Outras dificuldades nas discussões do tema foram devido à religiosidade vivenciada individualmente, suas visões, suas crenças e seus valores, ao modo de educação familiar como foram conduzidas, na aprendizagem do uso das cores, no modo de vestimentas, nas escolhas das brincadeiras, entre outros estereótipos.

Com exceção da professora Interessada que afirma: *“que sim, e que minhas preferências sempre foram respeitadas”*. Ela tinha suas preferências respeitadas, de um modo geral. As demais profissionais afirmam que tinham as suas escolhas respeitadas, mas nas respostas seguintes sobre religião, se contradizem, quando responderam que seguiam as orientações de seus pais ou da família, com exceção da professora Interessada que afirma: *“nas escolhas de minhas amigadas e da religião o diálogo e a livre escolha sempre estiveram presentes na minha família”*.

As demais deixam em evidência a presença forte de interdiscursos e prática sociais aprendidos ao longo dos anos dentro dos grupos sociais em que as profissionais conviveram e convivem até hoje.

Vale salientar que, em relação ao ensino de educação religiosa, por a escola ser orientada a construção de um espaço laico, faz-se necessário que as crenças e práticas religiosas não interfiram nessa perspectiva de como trabalhar com a concepção de gênero.

Nas perguntas direcionadas o que é “ser menino” e o que é “ser menina” para as profissionais, todas elas responderam do ponto de vista de como aprenderam: *“que menina e menino se definem pelo sexo/sexualidade ou pelo órgão genital feminino e masculino”*. Com exceção da Supervisora Competente que entende que *“ser menino e ser menina, são sexos diferentes, mas que hoje conquistaram liberdade de igualdade junto a sociedade”*. Ela mostra em sua resposta nessa definição, que está seguindo uma linha de construção do conhecimento em relação ao tema em foco.

Em relação à Professora Interessada, ela afirma que *“ser menino e ser menina, hoje em dia, diferencia-se pelo que um pode e o outro não pode fazer”*. E faz uma crítica que: *“Professores e pais devem nivelar esses comportamentos impostos pela sociedade e que devemos repensar conceitos, compreendendo que a infância é única”*. Ela revela nas suas

palavras o conceito da própria sociedade machista e, em contra partida, ela faz uma crítica a esse conceito sobre a infância no que se refere ao que é “ser menino” e ao que é “ser menina”, numa linguagem de igualdade de gênero.

Louro (1997) defende que uma infância preconceituosa repercutirá na vida inteira de uma criança até a sua fase adulta.

Nas análises finais desse questionário, em relação a pergunta sobre fazer um panorama da sua infância, podemos perceber, de forma geral, que os modelos tradicionais de família, muitas vezes decidiram nas escolhas das brincadeiras, das crenças, as quais mantêm a separação entre menina e menino.

Assim, essas representações sociais, tais como: igreja, família, escola entre outros grupos sociais influenciaram e continuam a influenciar na vida social, profissional e acadêmica desses profissionais.

Os interdiscursos são constitutivos em qualquer discurso. Podemos identificá-los através das marcas e estabelecer relação com os discursos fundadores que definem o sujeito:

INTERDISCURSO	FALAS
Religião	<p>A professora Enigma, quanto à Religião, respondeu que não tinha liberdade de escolher sua própria religião, “<i>frequentava a mesma igreja que meus pais</i>”.</p> <p>A professora Adorável responde sobre a liberdade de escolha sobre religião: “<i>Sim, mas ouvia sempre a opinião da minha família</i>”.</p> <p>A professora interessada afirma em relação às suas preferências pela religião: “<i>sim, o diálogo e a livre escolha sempre estiveram presentes na minha família</i>”.</p> <p>A professora Sincera afirma sobre liberdade de escolha da religião que: “<i>Não, pois minha família por ser bem tradicional não me deixava escolher ter amizade com meninos e tinha que frequentar a igreja católica</i>”.</p> <p>A supervisora pedagógica afirma que, na</p>

	<p>liberdade de escolher amizade e religião, que: <i>“Amizade sim, mas religião foi através da cultura religiosa familiar que segui a minha própria escolha”</i>.</p> <p>A berçaristas Dinâmica afirmou sobre a liberdade de escolha de religião que: <i>“sim, porém minha mãe sempre aconselhava sobre o que era certo”</i>.</p> <p>A berçarista Intensa afirma da sua liberdade de escolha sobre religião que: <i>“Não, meus pais me ensinaram na religião a ser evangélica”</i>.</p> <p>A monitora Extrovertida afirma sobre a liberdade de escolha de religião que: <i>“Não, seguia as orientações do meu pai e da minha mãe, com obediência, amizades só entre irmãos”</i>.</p> <p>A monitora Amiga afirma sobre a liberdade de escolha de amizade e religião, que: <i>“ Não, tinha que brincar só com meninas e frequentava a igreja que meus pais queriam”</i>.</p>
Família	<p>A professora Enigma responde: <i>“Fui criada, rigidamente, onde muitas coisas me eram proibidas, não tinha amigos (homens), não costumava frequentar ou dormir na casa de amigas, não saía sem meus pais, meus pais não conversavam sobre determinados assuntos (sexo, menstruação, namoro. Existiam vários tabus”</i>.</p> <p>A professora Adorável aborda pontos positivos e negativos: Positivos: <i>“liberdade de escolher amizades, roupas, religião etc”</i>.</p>

	<p>Negativos: <i>“separação dos meus pais e da minha avó.”</i></p> <p>A professora interessada afirma que: <i>“Na minha infância e adolescência tivemos exemplos de vários níveis, uns positivos, outros negativos, porém a presença constante da minha família, grandes profissionais e ótimos amigos, deixaram marcas em mim de perseverança, humildade e sabedoria, pilares nos quais acredito, serem fundamentais para a formação de uma pessoa”.</i></p> <p>A professora Sincera afirma sobre a família que: <i>“Desde a minha infância, por viver em uma família tradicional, onde menina é menina e menino é menino, esse comportamento se estendeu até a minha adolescência e perdura até hoje, onde de ponto positivo eu hoje posso dizer que influenciou muito quanto aos meus filhos e de ponto negativo, fica difícil de lidar com uma situação futura onde o gênero masculino se identifica com o feminino”.</i></p> <p>A supervisora pedagógica afirma sobre a família que: <i>“Entendo que a família e a escola como um todo, sempre tiveram presentes, influenciando formas de relacionamento”.</i></p> <p>A berçarista Dinâmica afirma sobre sua infância envolvendo a família que: <i>“Fui filha única, brincava com as meninas e com meus primos, me respeitavam. Adolescência, fase de transição, eufórica, roqueira, extrovertida, alegre, triste e a família sempre</i></p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p><i>presente”.</i></p> <p>A berçarista Intensa afirma o que as práticas influenciam até hoje na sua vida familiar. <i>“Essas práticas influenciam até hoje na minha vida social, pois como mãe educo minha filha da mesma forma que fui educada”...</i></p> <p>A monitora Extrovertida relata sobre sua família como Pontos Positivos: <i>“Tenho uma família muito grande, unida e amável”, [...]</i> Pontos negativos: <i>“dificuldades para tudo, inclusive o social, morávamos no mato em um deserto”.</i></p> <p>A monitora Amiga afirma em relação a família que: <i>“Desde pequena meus pais me ensinaram a diferenciar entre homem e mulher, através de diálogos, brincadeiras, reuniões”.</i></p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Com relação aos interdiscursos, podemos apontar duas outras falas que rompem com os discursos acima apresentados: o da professora Adorável que afirma *“a sua infância trouxe pontos positivos, no que se refere à sua liberdade de escolhas, e que sofre apenas com a separação de seus pais e de sua avó”.* Nessa afirmação, entendemos que a professora já tem conhecimento sobre o tema quando fala *“na sua liberdade de escolhas”.* Essa professora mostra que na educação familiar não havia preconceitos nem interferência nas suas escolhas. E a outra fala é da Professora Interessada, que descreve, num panorama da sua infância, as práticas sociais que influenciaram, e que influenciam, até o momento, de forma positiva, na sua trajetória de vida *“pois sempre houve um diálogo aberto, o respeito às diferenças e a busca pelo conhecimento que permeiam a minha vida em todos os setores”.*

O Questionário 2, formado por duas questões, foi direcionado apenas às professoras. Na primeira questão, a Professora Interessada responde que as representações sociais influenciaram na escolha de sua profissão, enquanto pedagoga, quando afirma que: *“fui*

incentivada, literalmente por professores de minha infância e que a paixão na disciplina que meus professores atuavam, me despertou o interesse pelo aprender a educar”.

A segunda questão que, mesmo diante de alguns preconceitos enraizados na nossa sociedade, busca identificar se, na opinião dos professores, trabalhar a temática de gênero na educação infantil contribuiria ou não na desmistificação de determinados preconceitos.

A Professora Interessada respondeu: *“sim, pois a discussão do tema em todos os âmbitos é fundamental [...] entender a temática de gênero significa suavizar impactos, e que discutir e trabalhar esse tema na educação infantil será um grande passo para a desmistificação de preconceitos”.*

A professora Enigma, na primeira pergunta relacionada ao Questionário 2, afirma que: *“a família, a religião e o meio em que vivemos influenciam em nossas escolhas sim. Venho de uma família religiosa, de classe baixa onde os sonhos dos pais era ter uma filha formada [...] Na igreja sempre admirei as aulas dominicais, foi quando surgiu o interesse por ser professora e com total apoio da família, que cheios de orgulho, porque iam ter uma filha professora formada”.* Vê-se que tal concepção está marcada por traços da visão romântica da educação, quando a professora Enigma revela a sua total admiração às aulas dominicais, foi quando a mesma relacionou e despertou ao mesmo tempo, a paixão pela profissão de professor. E, ainda, podemos enfatizar a presença muito forte da influência das representações sociais, no que se refere à igreja e à família, a todo tempo instigando nessa escolha, quando a mesma mostra uma preocupação em satisfazer o desejo de seus familiares, como forma de “praticar o bem”.

Rios (1995, p. 49), analisando essa visão romântica em termos éticos, comenta:

Se competência é fazer bem o seu trabalho, isso não implica simplesmente em fazer o bem. Amar e fazer o bem são a mesma coisa, na visão moral romântica. Profissionalmente falando, entretanto, fazer o bem é uma consequência e não uma causa do trabalho profissional. Quando acontecem, por um lado, a cisão entre profissão e Pedagogia, e, por outro a redução do profissional (fazer bem) ao moral (fazer bem), têm-se a concepção de que, para ser professora, bastam qualidades inatas, não aprendidas.

Dessa forma, nos deparamos, muitas vezes, com professores frustrados pelo tempo de profissão, até que chega o momento em que a paixão pela profissão acaba e ficam apenas as decepções, as frustrações e a ausência do profissionalismo, ficando abalado e comprometido por consequências de uma visão distorcida sobre a profissão.

Na segunda pergunta, com relação em se trabalhar a temática de gênero na desmistificação dos preconceitos na educação infantil, a professora Enigma respondeu que: *“sim, trabalhar a criança e a família ajudariam desde cedo a formar cidadãos menos preconceituosos e conscientes para as escolhas dos outros. Trabalhar desde criança e com a ajuda da família só iria, com certeza, quebrar tabus que são impostos desde criança muitas vezes na própria família”*. Nessa mesma questão, a professora Enigma faz uma crítica construtiva, em que já começa a entender que as relações de poder perpetuada desde muito cedo no seio das famílias tradicionais, nas religiões, nas escolas, como também em outros grupos sociais, precisam ser desconstruídas pois, de maneira mais amena e sem imposições e preconceitos, é que poderá se conseguir fazer uma educação de equidade de gênero, com diálogos, formações continuadas sobre a temática, começando nas nossas escolas e, consequentemente, com a família nesse processo de construção e desconstrução de gênero.

A professora Adorável responde na primeira questão do questionário 2, sobre a influência das representações sociais nas suas escolhas profissionais que: *“ por influências de familiares foi que eu optei fazer o curso pedagógico (magistério) e, logo em seguida, o curso em Pedagogia” [...] Foi um curso que me ofereceu oportunidades de trabalho pelo vasto campo na área da educação” [...] Apesar de ser uma área ainda tomada pela classe feminina, vejo que isso tem mudado e já encontramos muitos colegas profissionais”*. A professora Adorável afirma também ser as representações sociais responsáveis na sua escolha, no que se refere à família. Ressalta da relevância da profissão na sua vida econômica e profissional, pelo vasto campo de trabalho. Apesar da depreciação social, atestada nos baixos salários pagos aos professores por seu trabalho, o curso de licenciatura em pedagogia ainda é uma opção para se adquirir uma profissão, no que se refere à educação infantil e de ensino fundamental I. Isso implica, também, segundo estudos científicos, que o predomínio das relações de gênero interfere nessas representações sociais, especificamente na primeira etapa da educação básica.

Bernardo (1995) lembra que as atividades pedagógicas têm sido, ao longo da história da educação no Brasil, atribuídas às mulheres – sobretudo ao alfabetizar.

A professora Adorável faz uma crítica que, apesar do universo feminino dominar a área de educação, já existem muitos profissionais do sexo masculino atuando profissionalmente.

Em contra partida, podemos afirmar que, segundo os estudos da Secretaria de Educação do Município de João Pessoa, na educação infantil, não há conhecimento da

existência de professores do sexo masculino titular de sala. Foram contratados apenas professores especialistas de artes, música e educação física em alguns CREIs, com a proposta de se expandir a todas às instituições infantis a presença destes profissionais, para um melhor desempenho lúdico, sensorial e motor das crianças, na faixa etária de 0 a 3 anos.

Na segunda pergunta do Questionário 2 (dois), a Professora Adorável respondeu que trabalhar a temática de gênero *“contribuiria e muito, pois é uma temática ainda pouco debatida e que traz, por parte dos profissionais, muito preconceito por falta de conhecimentos”*.

É pertinente o conhecimento e o estudo aprofundado sobre a questão do desenvolvimento do estudo das relações de gênero na educação infantil, a fim de que não sejam estimulados comportamentos não condizentes com a faixa de desenvolvimento das crianças ou padrões estereotipados no que se refere aos papéis sociais do homem e da mulher na sociedade.

Isso implica que não devemos interferir na escolha de brinquedos ou brincadeiras pela criança. A identidade da criança será construída de acordo com suas escolhas e é através das brincadeiras que desenvolverá seu papel social e aprenderá a conviver em sociedade.

A professora Sincera ao responder à primeira questão do Questionário 2 (dois), enfatiza que, *“além de optar pelo curso de magistério e agora o curso de Pedagogia, por ser uma área de grande abrangência no mercado de trabalho”*. Subentende-se que, apesar do salário ser ainda considerado baixo, as pessoas, na maioria das mulheres, ainda optam por fazer o magistério/Pedagogia, para garantir um emprego no mercado de trabalho. E a influência das representações sociais, no que se refere à sua família, sempre esteve presente na sua escolha pelo magistério, afirmando que: *“e também por ter sido influenciada por meus familiares, já que a matriarca (minha vó, foi professora por muito tempo”*.

Na segunda pergunta a professora Sincera, afirma que *“Trabalhar gênero possui um papel de grande importância na desmistificação destas diferenças, além de ser um instrumento na construção de valores e atitudes e, com isso, permite um olhar mais crítico e reflexivo as identidades”*.

Portanto, enquanto pesquisadora desta temática de gênero, ao analisar estes questionários, me inclinou uma maior motivação ao saber que as nossas professoras e todas as profissionais de sala dessa instituição sentem a necessidade de conhecer, de uma forma mais criteriosa, o tema, quando nas suas afirmações revelam um desejo intenso de se aprofundar, para aprender a lidar e a subsidiar na construção da identidade dentro das relações de gênero,

a fim de quebrar tabu e estereótipos desenvolvidos ao longo dos anos e não mais reproduzirem uma educação homofóbica, diante de nossas crianças pequenas, mas sim construir uma educação de equidade social de gênero.

Vejamos como as várias ações podem ser trabalhadas: hora da brincadeira, hora do banho, hora do sono, hora das atividades. Enfim, essas questões deverão ser contempladas na proposta de intervenção, que será uma formação continuada para os profissionais de Educação Infantil, apresentada no quadro abaixo:

Momentos	O que é
1- Identificação:	<p>CREI Gerusa Olinda de Souza Rua: Henrique da Costa Machado S/N Bairro: Colibris II Turmas: Berçário I, Berçário II, Maternal I e Maternal II Idade: 06 meses BI - 13 alunos 01 ano BII - 29 alunos 02 anos MI - 30 alunos 03 anos MII - 29 alunos</p> <p>Público Alvo: 04 professores, 05 berçaristas, 02 monitoras e 01 Supervisora Pedagógica.</p>
2- Tema	Objeto de Estudo: o interdiscurso dos profissionais de educação Infantil nas relações de gênero.
3- Objetivo:	<ul style="list-style-type: none"> Investigar nos discursos dos profissionais da educação os interdiscursos que os perpassam e determinam a representação social nas relações de gênero.
4- Conteúdos a serem trabalhados:	<ul style="list-style-type: none"> - Uso do banheiro: marcador Gênero masculino/feminino. - Organização de filas; - Papel do homem e da mulher no contexto social; - As cores numa perspectiva de Gênero; - Banho como momento de prazer; - Hora da refeição / organização dos alunos nas mesas/ momento de inteiração.
5- Desenvolvimento das atividades:	A atividade proposta será realizada com a participação de 04 professores, 02 monitoras e 05 berçaristas em 04 etapas.

	<p>1ª etapa: Aplicação de um questionário, para identificar o conhecimento prévio dos profissionais de educação sobre identidade de gênero, analisando suas histórias, os discursos e interdiscursos, as representações sociais representados em cada fala, refletidos na prática de cada profissional;</p> <p>2ª etapa: Em roda de conversa ocorrerão entrevistas e depoimentos das professoras, monitoras e berçaristas. O tema será sobre a infância de cada uma delas, os tipos de brincadeiras, brinquedos, vestimentas, preferências de cores e objetos</p> <p>3ª etapa: Oficina de leituras, utilizando textos que abordem assuntos relacionados à temática de Gênero na educação Infantil.</p>
6- Avaliação:	Solicitação aos profissionais de educação de um relatório. Este deve abordar pontos positivos e negativos sobre a temática de gênero, apresentando se houve uma aprendizagem significativa sobre a mesma.
7- Referenciais utilizados;	<p>BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais, apresentação dos temas transversais. Secretaria de fundamental – Brasília MEC/SEF, 2001.</p> <p>_____. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. (1998), vol 1, 2.</p> <p>_____. Proposta Curricular Nacional para a Educação Infantil, (1996).</p> <p>LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade, uma perspectiva pós-estruturalista. 8ª edição. Petrópolis: RJ 1997.</p> <p>MAINGUENEAU, Dominique, Gênese dos Discursos, tradução: Sírio Possenti, Curitiba-PR: CRIAR EDIÇÕES LTDA, 2005.</p>
8- Apêndice / Anexos	Questionários, depoimentos, relatórios, e fotos das atividades desenvolvidas com as profissionais e com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos desafios contemporâneos enfrentados pela escola e os CREIs é o da construção de uma educação inclusiva e democrática que contribua para que as crianças possam aprender a conviver em paz, compartilhando suas diferenças, respeitando a diversidade de identidades de gênero, como também, as identidades culturais, étnicas e de suas gerações.

Nesse sentido, discutir as relações de gênero é uma das condições indispensáveis para a desconstrução e superação de estereótipos e de preconceitos, que têm gerado desigualdades entre meninos e meninas, ou seja, um enfrentamento pela equidade, entendida como igualdade na diferença.

Assim, aqueles e aquelas que não correspondem aos atributos aceitos e valorizados socialmente, em determinada cultura, aos modelos de masculinidade e feminilidade, hegemônicos, são vítimas de preconceitos e discriminações.

É importante perceber que, apesar de meninos e meninas possuírem corpos diferentes, as qualidades, as habilidades, os gostos pessoais, o temperamento e o caráter variam entre os indivíduos e não são determinados pelo sexo biológico.

Além disso, é preciso lembrar que a natureza também é construída histórica e socialmente, como afirma Louro (2001, p.34): “nossa forma de chegar a ela, e nos referirmos ao que é ou não é natural também se dá pela linguagem, também se faz por meio de símbolos e de representações, também se modifica historicamente”.

O que a escola ou os CREIs tem a ver com isso? Observa-se que, apesar de algumas mudanças e avanços nas relações de gênero conquistados nas últimas décadas, meninas e meninos continuam a receber uma educação diferenciada, propagando estereótipos e preconceitos.

Na família, aprende-se que meninos e meninas devem ter comportamentos, gostos, postura, valores e papéis diferentes. Diversos estudos apontam que a escola e o CREIs reforçam essa educação familiar, contribuindo para a continuidade das desigualdades de gênero e para a intolerância.

De acordo com os questionários aplicados foi considerado que as profissionais do Centro de Referência de Educação Infantil ainda não têm o conhecimento pleno no que se refere à temática de gênero.

Foram analisadas todas as questões as quais foram reveladas e externadas, através dos

interdiscursos.

Os resultados foram imprescindíveis para a realização da proposta de formação continuada, como prevemos no objetivo proposto.

É de uma extrema relevância e, por isso, entendermos quão grande é a nossa responsabilidade, enquanto gestores de um Centro de Referência de Educação Infantil, na formação desses profissionais e, conseqüentemente, no ensino e aprendizagem que os mesmos estão levando para as nossas crianças pequenas, que estão iniciando na educação básica, as quais precisam de uma educação voltada para equidade de gênero, para que não sejam reproduzidos estereótipos causados por interdiscursos que vêm se propagando por muitos e muitos anos, de acordo com uma educação tradicionalista e machista, que recebemos no seio da nossa família. Que até então, para nós mesmos, estávamos extremamente corretos em separar as meninas dos meninos de todas as formas, através de modelos de educação que aprendemos.

Com esta formação continuada, pretendemos levar novas metodologias de ensino para nossos profissionais, proporcionando aos mesmos a ler mais sobre o assunto, que é bastante amplo e complexo e, ao mesmo tempo, fazer com que eles percebam que não é impossível provocar mudanças a partir de nós mesmos e, conseqüentemente, aos outros que nos rodeiam e que dependem do nosso conhecimento e ensino para que cresçam de forma igualitária sem nenhuma forma de preconceito, entendendo que são apenas crianças dignas de uma educação sem diferenças, sem repressão e sem medo de externarem o que sentem, o que querem e o que gostam.

Privar uma criança daquilo que gosta e daquilo que sente, é como amordaçar um “Ser” que tem vontades de falar e não pode. Entendemos, através dos resultados, que muitos profissionais, enquanto crianças ou adolescentes fizeram tudo que seus pais ditavam e queriam que eles fizessem.

Há quantos profissionais lhes foram negado a sua liberdade de escolhas pelos seus gostos e preferências? Seguiram uma religião que nem eles sabem o porquê; usaram uma determinada cor, porque alguém lhe influenciou; adquiriram uma amizade porque seus pais escolheram por eles; e formaram uma família porque seus pais assim determinaram

É por estas e outras razões que, enquanto pesquisadora desta temática de gênero, se faz necessário que todas e todos, ao participarem desta futura formação, sejam verdadeiramente impactados e estejam realmente abertos a novas mudanças e prontos para semear uma nova semente de igualdade de gênero nas nossas práticas desenvolvidas com as nossas crianças,

abrindo novas oportunidades de deixá-las realmente serem crianças de verdade e de construírem suas próprias identidades, proporcionando-lhes essa autonomia e respeito, através das atividades e brincadeiras, utilizando-se da ludicidade, que é a proposta da educação infantil. Que possamos formar verdadeiros cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos, perante uma sociedade que, por si só, já é tão discriminada.

Queremos enfatizar que, quando levamos essas discussões de gênero para o espaço escolar versus família e religião, não queremos, com isso, interferir nas crenças e religiosidades das pessoas, mas sim de levar o conhecimento sobre a temática até elas que, por muitas vezes, agem de forma preconceituosa pela falta desse conhecimento e ainda se convencem que estão agindo de forma correta.

A intenção é de mostrar que a criança é um ser pequeno e que precisa e deve viver sua infância livre de qualquer preconceito imposto pela sociedade; que por si só já incute na cabeça dos profissionais estereótipos internalizados ao longo dos anos, que só oprimem e essa opressão reflete na prática com as crianças que, muitas vezes, deixam de viver seu momento de descobertas, de desenvolvimento, de crescimento, pois são impedidos, devido aos ensinamentos recebidos, através de uma educação alimentada pelas marcas do preconceito e discriminação de uma sociedade machista e homofóbica.

Portanto, é pertinente a realização da formação continuada e é de grande relevância os estudos no que se referem à temática de gênero na educação infantil, voltado para os profissionais que desenvolvem uma prática em sala de aula e especialistas, levando em consideração as representações sociais, os interdiscursos que permeiam os discursos desses profissionais, refletidos no ensino e aprendizagem das crianças e que, de forma alguma, venhamos confundir papéis sociais de gênero com identidade de gênero.

Quando uma criança quando está brincando, ela está vivenciando papéis sociais, interagindo umas com as outras, independentemente do órgão genital e de sua sexualidade. A sua identidade de gênero vai sendo construída ao longo do tempo e suas escolhas, preferências referentes à sexualidade, refletirá posterior a sua infância, numa possível adolescência, a criança é simplesmente criança.

A infância é um momento único na vida delas, em que precisam viver essa fase, intensamente, de forma lúdica e com muita imaginação, e esse seu mundo é mágico, cheio de fantasias e não pode ser conduzidos por pensamentos e ideias de adultos que não respeitam essa fase em que a criança está vivendo. Pensamentos esses, cheios de estereótipos e de preconceitos, desvirtuando a criança de construir sua própria identidade e de desenvolver sua

própria autonomia nas relações de gênero.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder:** revendo um caso do Sul de Portugal. In Anuário Antropológico 95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1996
- ARIÈS, Pilippe. **História social da criança e da família.** Rio de janeiro, Editora S.A, (1981) Disponível:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347615/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia,%20Aries.pdf, acesso em: 05 fev. 2017.
- ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello. **História da vida privada no Brasil:** cotidiano e vida privada na América Portuguesa. v. I. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARRUDA, Ângela. **Feminismo, Gênero e Representações Sociais.** Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ- 2000.
- BATISTTELA, Ivone. **A Criança na Construção de sua Identidade de Gênero pelas Práticas Significativas do Discurso e Linguagem.**
- BRANDÃO, HELENA H. NAGAMINE. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Apresentação dos temas transversais, vol 08. 3ª. ed. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2001.
- CARRARA, Sérgio. **Gênero e diversidade na escola - Formação de professores em Gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnicos raciais.** Rio de janeiro- CEPESC Brasília: SPM, 2009. P.13-15.
- CHARLITON, José dos Santos (org). **Gênero e Sexualidade perspectiva em debate.** Pesquisa e historiografia da educação brasileira. Campinas, SP; p. 141, 142 – 143/ 241- 243. Autores Associados, Editora Universitária, João pessoa, 2007
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil:** alguns achados de pesquisa. Trabalho encomendado apresentado na 31ª.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa (Org.). **Gênero e educação:** múltiplas faces. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1929-2.pdf> Acesso em 02 de abril de 2017, às 07 horas e cinco minutos.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Introdução.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Vol, 1, 2, 3. Brasília: MEC/SEF, 2002, 17-23, 31-35p, 39-40, 41-44, 103p.

_____. **Presidência da República**, casa civil, Lei 9394/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional, Brasília, Diário Oficial da união, 23 de dezembro de 1996.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC 1996, disponível em :<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. 9ª ed. Reformada em 20/05 de 2014. Acesso em 30 de março de 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FRANCIS, B. **Power Plays:** children's constructions of gender and power in role plays. *Gender and Education*. V. 9, n. 2, June, 1997, p. 179-192. [[Links](#)]. Acesso em 02 de Abril de 2017, às 23 horas.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade.** Antropologia em 1ª mão, Florianópolis, UFSC/ PPGAS, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação, uma perspectiva pós-estruturalista.** 8ª Ed., Petrópolis: RJ, 1997.

_____. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

Mac An GHAILL, Máirtín. **The making of men. Masculinities, sexualities and schooling.** Buckingham: Open University Press, 1994 site: <https://repositório.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Louro-o-corpo-educado-pdf-rev.pdf>? Sequence = 1, acesso em 26 de Março de 2017 às 20 horas e 38 minutos.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos.** Tradução: Sírío Possenti. Curitiba-PR: Criar Edições, 2005.

MARTIM, L. M. 2004. (2004). **A natureza histórico-social da personalidade.** *Cadernos Cedes*. Campinas, vol.24, n.62, pp.82-99, abril.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança:** subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

POURTOIS, J.; DESMET, H. **Educação pós-moderna.** São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

RECHENA, Aida. **Teoria as Representações Sociais:** uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], n. 41, feb. 2012. ISSN 1646-

3714.Disponível em: <http://revistas.ulusoфона.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2651>. Acesso em: 04 fev. 2017.

REUNIÃO ANUAL DA ANPED. GT 23. Caxambu/MG, 2008. Disponível em: http://31reuniao.anped.org.br/5trabalhos_encomendados/trabalho%20encomendado%20-%20gt23%20-%20maria%20eulina%20pessoa%20de%20carva.pdf- acesso em 26 de março de 2017, às 19 horas e 41 minutos

ROSSI, José Silvio. Políticas, (org). **Didática e Avaliação na Educação Infantil**. João Pessoa: Editora UFPB, p. 88 - 89; 94 – 95. João Pessoa- PB, 2012.

RUBIN, Gayle. "**El tráfico de mujeres:** notas sobre la 'economia política' del sexo". Nueva Antropología, México, v. VIII, n. 30, p. 95-145, 1986.

SAYÃO, Deborah. **Corpo e movimento:** notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas- SP, v.23, n. 2, p, 55 – 68, jan. 2002.

SANTOS, Carmem Sevilla Gonçalves dos; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. (Orgs). **Representações sociais e formação do educador:** Revelando Interseções do Discurso, João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.1995. Disponível em: https://ia801403.us.archive.org/9/items/scott_gender/scott_gender.pdf acesso : 24. de março de 2017, às 19 horas e 35 minutos

SAMPIERI, R.H. **Metodologia de pesquisa**, 5 edição. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, Francisca Jocineide da Costa. **Construções de identidade de gênero na primeira infância:** uma análise da produção científica e do RCNEI. UFPB. Agência Financiadora: CAPES – trabalho disponível no site: w.w.w.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt233914.pdf- acesso em 26 de março de 2017, às 19 horas e 47 minutos

STOLLER, Robert. **Masculinidade e feminilidade (apresentações de Gênero)**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez,1, p.14, 2012.

APÊNDICES

1. QUESTIONÁRIO 01

Função: _____ **Grau de escolaridade:** _____

Nome: _____ **Idade:** _____

- a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Identidade de Gênero?
- b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no CREI ao qual trabalha?
- c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?
- d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião
- e) O que é ser menino e ser menina para você?
- f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.
- g) De como esses grupos sociais e suas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social, profissional e acadêmica?

2. QUESTIONÁRIO 02:**Função:** _____ **Grau de escolaridade:** _____**Nome:** _____ **Idade:** _____

1) As representações sociais influenciam nas nossas escolhas. Considerando tais representações, mencione o que levou você enquanto professor (a) a optar pelo curso de Pedagogia ou magistério?

3) Diante dos preconceitos enraizados na nossa sociedade ao longo dos anos, na sua opinião, trabalhar a temática de gênero na perspectiva da educação infantil contribuiria ou não para a desmistificação desses preconceitos?

3. TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a) Edilma Ferreira,

Esta pesquisa é um estudo sobre **a Prática dos profissionais de Educação Infantil nas relações de Gênero** está sendo desenvolvida por **Geiza Coutinho de Freitas** do Curso de **Linguística aplicada ao ensino** da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Professora **Ana Aldrigue**.

O objetivo geral do estudo é investigar a prática dos profissionais de educação Infantil de um CREI, no município de João pessoa, no que se refere a uma modalidade de educação que respeite as características pessoais relacionadas ao gênero, valorizando, assim, a cultura do seu grupo e de outros grupos sociais, tendo o cuidado para que não sejam reproduzidos nas relações com as crianças padrões estereotipados quanto ao papel do homem e da mulher, desfazendo práticas homofóbicas dentro da instituição escolar.

Solicitamos a sua colaboração para participar das entrevistas ou a autorização para utilização dos questionários. Além disso, solicitamos autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de ciências humanas, sociais e da educação ou em publicações científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o/a senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificações na assistência que vem recebendo na instituição.

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

=====

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Contato com o Pesquisador Responsável: E-MAIL: geiza-coutinho@hotmail.com

Endereço do Trabalho: CREI: GERUSA OLINDA DE SOUSA

Rua: Henrique da Costa Machado, s/n. bairro: Colibris II João Pessoa - Pb

.....
Assinatura da Participante

.....
Assinatura da Testemunha

.....
Assinatura do Pesquisador Responsável

4. QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Monitora "Extrovertida"

Escolaridade: Ensino Médio

Função: Monitora

Q

QUESTIONÁRIO ①

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

Homem > menino Mulher > menina

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha? Usar palavras de maneira que possa ficar bem claro. Falta de comprometimento e preparação em grupo

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas? Sim; Roupas que me vestisse bem com cores fortes como, azul, branco, preto. Brincadeira: de rodas papai e mamãe com os irmãos e Bonecas de pau e de milho novo.

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião? Não; seguia as orientações do meu pai e da minha mãe com obediência, amizade só entre os irmãos.

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?
Menino: homem > pai me veste de calça, camisas, camisas shortset.
Menina: Mulher, mãe me veste de calça, saia, vestidos, shorts, blusas etc.

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.
Positivos: Tenho uma família muito grande unida e amável.
Negativos: Dificuldades para tudo, inclusive o social.
Monávamos no mato em um deserto.

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social, profissional e acadêmica? Aprendizados, conhecimentos, segurança, confiança, motivação, força, formação e capacitação pessoal.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Monitora Amiga

Escolaridade: Superior em andamento

Função: monitora



QUESTIONÁRIO ①

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

Diferenças entre homem e mulher
Identidade permeada.

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha?

Falta de projetos e diálogos sobre o assunto.

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?

Sim, gostava da cor azul, brincar de noolar, elástico e vestidos.

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião?

Não, tinha que brincar só com meninas e frequentar a igreja que meus pais queriam.

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?

O comportamento o jeito de agir a sexualidade.

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.

Desde pequena meus pais me ensinaram a diferença entre homem e mulher através de diálogos, brincadeiras, reuniões.

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social,

profissional e acadêmica?

através dessas práticas aprendi a diferença a sexualidade, e de saber que cada um tem um livre arbítrio de escolher o que quer ser.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Professora Sincera

Escolaridade: Superior incompleto (Pedagogia)

Função: Professora



QUESTIONÁRIO ①

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

Gênero é como a pessoa se identifica, e quanto a sexualidade e por quem o gênero sente ou desmarche atração sexual ou laços afetivos.

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades,

voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual

trabalha? Até o momento não identifiquei nenhuma dificuldade.

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?

Quase sempre, mas às vezes era induzida a usar roupas que eu não gostava e brincar de coisas que eu não me identificava.

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amigas e religião?

Não, pois minha família por ser bem tradicional não me ter amizade com meninas e tinha que frequentar a igreja católica.

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?

Menina é vestir rosa, deixar o cabelo grande, vestir calcinha, brin-boneca... e menino veste azul, brinca de carrinho, veste cueca e ade aos preceitos familiares e religiosos.

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e

negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais. Desde a minha infância em uma família tradicional, onde menina é menina e menino é menino e o comportamento se estendeu até a minha adolescência e perdura, onde de ponto positivo eu hoje posso dizer que influenciou muito quando meus filhos e de ponto negativo fica difícil de lidar com uma situação onde o gênero masculino se identifica como feminino.

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social,

profissional e acadêmica?

Quanto a influenciou na minha vida profissional e acadêmica, por enquanto não tive oportunidade de passar por esse situação.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: PROFESSORA INTERESSADA

Escolaridade: SUPERIOR COMPLETO - PEDAGOGIA

Função: PROFESSORA



QUESTIONÁRIO (1)

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

AS RELAÇÕES DE GÊNERO SE REFEREM AO OLHAR DA PESSOA SOBRE SI, COMO SE IDENTIFICA, SE HOMEM, SE MULHER OU SE ELA SE VÊ COM "FORMA" DO CONJUNTO.

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha?

AS DIFICULDADES NO MEU ENTENDER SURTEM DA FALTA DE CONHECIMENTO E PROPOSTAS CONVINCENTES VOLTADAS PARA O TEMA, FAZ-SE NECESSÁRIA A ARTICULAÇÃO DE NOVAS IDEIAS DIRECIONADAS A TODA COMUNIDADE ESCOLAR. PROPOSTAS ESTAS QUE VISEM AMPLIAR O ENTENDIMENTO E DIRECIONAMENTO DO TEMA.

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?

SIM, E ESTAS PREFERÊNCIAS SEMPRE FORAM RESPEITADAS.

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião?

SIM, O DIÁLOGO E A LIVRE ESCOLHA SEMPRE ESTIVERAM PRESENTES NA MINHA FAMÍLIA.

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?

HOJE EM DIA, DIFERENCIA-SE PELO QUE UM PODE E O OUTRO NÃO PODE FAZER. PROFESSORES E PAIS DEVEM NIVELAR ESSES COMPORTAMENTOS IMPOSTOS PELA SOCIEDADE. DEVEMOS REVER CONCEITOS CONSIDERANDO QUE A INFÂNCIA É

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.

UNICA.
NA MINHA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA TIVEMOS EXEMPLOS DE VÁRIOS TIPOS: UNS POSITIVOS, OUTROS NEGATIVOS, PORÉM A PRESENÇA CONSTANTE DA MINHA FAMÍLIA, GRANDES PROFESSORES E ÓTIMOS AMIGOS, DEIXARAM MARCAS EM MIM DE PERSISTÊNCIA, HUMILDADE E SABEDORIA, PILARES OS QUAIS ACREDITO, SEREM FUNDAMENTAIS PARA A FORMAÇÃO DE UMA PESSOA.

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social, profissional e acadêmica?

INFLUENCIARAM E AINDA INFLUENCIAM POSITIVAMENTE, POIS O DIÁLOGO ABERTO, O RESPEITO AS DIFERENÇAS E A BUSCA PELO CONHECIMENTO PERMITIAM MINHA VIDA EM TODOS OS SETORES.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Geórgia

Escolaridade: Superior Completo (Pedagogia)

Função: Professora



QUESTIONÁRIO ①

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

Que não devemos reparar nem nos de meninas, que a sociedade e a religião influencia bastante em relação a abordagem do tema.

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha?

A falta de compreensão por parte dos pais e a falta de liberdade e de preparação dos profissionais.

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?

Sim, sempre tive liberdade.

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião?

Sim, mas eu via sempre a opinião da minha família.

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?

Menina é a que tem o sexo feminino e o menino o sexo masculino.

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.

Positivos: liberdade de escolher amizades, roupas, etc.

Negativos: reparação dos meus pais e da minha avó.

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social,

profissional e acadêmica?

nas relações pessoais, na liberdade de escolher como amiga, profissão, religiosa.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Professora EnigmaEscolaridade: GraduadaFunção: Professora

QUESTIONÁRIO ①

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

A realidade do dia a dia, leitura, documentários, filmes e etc.

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha?

Existem dificuldades inúmeras, o tema é muito abrangente, mais creio que palestras com pais, conversa com as crianças usando a linguagem deles, as poucas vamos, evoluindo e quebrando tabus.

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?

Sim, mas algumas crianças aprendem que desde pequenas rosa é de menina, azul de menino, bota e roupas cheias de laço de menina e bola e coisa de menino.

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião?

Não, só podia brincar com meninas e frequentar a mesma igreja que meus pais.

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?

Hoje só questões de gênero, pois quanto a opção isso é relevante, ser menina (mulher) delicada, amorosa, meiga.

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.

Fui criada rigidamente onde muitas coisas me eram proibidas, não tinha amigos (homens) não costumava frequentar, eu dormia na casa de amigas, não saía sem meus pais, meus pais não conversava sobre de terminados assuntos (sexo, menstruação, namoro) existiam vários tabus.

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social,

profissional e acadêmica?

Hoje ainda procuro me libertar de algumas coisas que me passaram como erradas e que hoje vejo com normalidade, não, tenho amigos de vários gêneros e opções sexuais.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Competente

Escolaridade: Nível Superior

Função: Pedagoga (Supervisora)

QUESTIONÁRIO

①

- a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero? *o tema abre o espaço para o que o educador amadureça seu comportamento e pensamentos em relação ao respeito a liberdade das crianças no brincar e nas escolhas.*
- b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha? *A falta de preparações p/ os profissionais que estão inseridos nas instituições de ensino. Este tema deveria estar inserido nas formações.*
- c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas? *Era influenciada pelos meus pais e principalmente pela minha mãe, mas também tinha minhas próprias preferências. (Rosa, lilás, branco, verde).*
- d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião? *Amizade sim, mas a religião foi através da cultura religiosa familiar que seguiu a minha própria escolha.*
- e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino? *São sexos diferentes, mas que hoje conquistam liberdade de igualdade junto a sociedade.*
- f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais. *Entendo que a família e a escola como um todo, sempre tiveram presentes influências do formato de relacionamentos.*
- g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social, profissional e acadêmica? *Nas aulas atentado para esse tema mencionado aqui neste questionário antes, portanto não tem como fazer uma avaliação mais precisa no momento.*

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Professora Sincera

Escolaridade: Superior Incompleto de Pedagogia

Função: Professora



QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR ②

1) As representações sociais, influenciam nas nossas escolhas. Considerando tais representações, mencione o que levou você enquanto professor a optar pelo curso de pedagogia ou magistério?

Eu optei pelo curso de magistério e agora a pedagogia, por ser uma área de grande abrangência no mercado de trabalho e também por ter sido influenciada por meus familiares, já que a minha avó foi professora por muito tempo.

2) Diante dos preconceitos enraizados na nossa sociedade ao longo dos anos, na sua opinião trabalhar a temática de Gênero na perspectiva da educação Infantil contribuiria ou não para a desmistificação desses preconceitos?

Trabalhar gênero possui um papel de grande importância na desmistificação destas diferenças, além de ser um instrumento na construção de valores e atitudes e com isso permite um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: PROFESSORA INTERESSADA

Escolaridade: SUPERIOR COMPLETO - PEDAGOGIA

Função: PROFESSORA



QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR ②

1) As representações sociais, influenciam nas nossas escolhas. Considerando tais representações, mencione o que levou você enquanto professor a optar pelo curso de pedagogia ou magistério?

FUI INCENTIVADA, LITERALMENTE, POR PROFESSORES
QUE TIVE NA MINHA INFÂNCIA. A PAIXÃO E A DISCI-
PLINA COM QUE ATUAVAM DESPERTOU EM MIM, O IN-
TERESSE PELO APRENDER A EDUCAR.

2) Diante dos preconceitos enraizados na nossa sociedade ao longo dos anos, na sua opinião trabalhar a temática de Gênero na perspectiva da educação Infantil contribuiria ou não para a desmistificação desses preconceitos?

CONTRIBUIRIA SIM, E MUITO, POIS A DISCUSSÃO DO
TEMA EM TODOS OS ÂMBITOS É FUNDAMENTAL. ENTENDER
SIGNIFICA SUAVIZAR IMPACTOS O QUE SE ENTENDE,
FICA MAIS FÁCIL DE SER ENRAIZADO. SENDO ASSIM,
FALAR, DISCUTIR E TRABALHAR ESTE TEMA, COMEÇAN-
DO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, É UM GRANDE PASSO PARA
A DESMISTIFICAÇÃO DE PRECONCEITOS.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Professora Enigma

Escolaridade: Graduada

Função: Professora



QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

(2)

1) As representações sociais, influenciam nas nossas escolhas. Considerando tais representações, mencione o que levou você enquanto professor a optar pelo curso de pedagogia ou magistério?

A família, religião e o meio em que vivemos influenciam em nossas escolhas. Vim vindo de uma família religiosa, de classe baixa onde o sonho dos pais era ter uma filha formada, na igreja sempre admirei as aulas dominicais foi quando surgiu o interesse por ser professora e com total apoio da família, que dizem maior e cheios de orgulho por que não ter uma filha professora formada.

2) Diante dos preconceitos enraizados na nossa sociedade ao longo dos anos, na sua opinião trabalhar a temática de Gênero na perspectiva da educação Infantil contribuiria ou não para a desmistificação desses preconceitos?

Sim trabalhar a criança e a família ajudaria, desde cedo a formar cidadãos menos preconceituosos e conscientes para as escolhas dos outros.

Trabalhar desde criança e com a ajuda da família no lidar com certeza quebras tabus que são impostos desde criança muitas vezes na própria família.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome:

Adriana

Escolaridade:

Pedagogia (Completo)

Função:

Professora

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

2

1) As representações sociais, influenciam nas nossas escolhas. Considerando tais representações, mencione o que levou você enquanto professor a optar pelo curso de pedagogia ou magistério?

Por influências de familiares foi que eu optei fazer o curso pedagógico (magistério) e logo em seguida Pedagogia. Foi um curso que me ofereceu oportunidades de trabalho pelo vasto campo na área da educação. Apesar de ser uma área ainda tomada pela classe feminista, vejo que isso tem mudado e já encontramos muitos colegas profissionais.

2) Diante dos preconceitos enraizados na nossa sociedade ao longo dos anos, na sua opinião trabalhar a temática de Gênero na perspectiva da educação Infantil contribuiria ou não para a desmistificação desses preconceitos?

Contribuiria e muito pois é uma temática ainda pouco debatida e que traz por parte dos profissionais muito preconceito por falta de conhecimentos.

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Clara

Escolaridade: Fundamental I - Incompleto

Função: Bregarista



QUESTIONÁRIO

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

?

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha?

?

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?

?

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião?

?

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?

?

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.

?

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social, profissional e acadêmica?

?

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Objetiva

Escolaridade: Fundamental I-Incompleto

Função: Bucarista



QUESTIONÁRIO

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

?

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha?

?

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?

?

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião?

?

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?

?

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.

?

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social, profissional e acadêmica?

?

CREI MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

Nome: Positiva

Escolaridade: Fundamental I Incompleta

Função: Burgarista



QUESTIONÁRIO

a) Quais os conhecimentos que você tem sobre Relações de Gênero?

1, não sabe responder

b) Quais são as dificuldades enfrentadas para realização de projetos e atividades, voltados à identidade de gênero no Centro de Referência de Educação Infantil ao qual trabalha?

1,

c) Na sua infância, você demonstrava suas preferências pelas cores, brincadeiras e roupas?

1,

d) Na sua adolescência você tinha liberdade de escolher suas amizades e religião?

e) O que é ser menina pra você e o que é ser menino?

2

f) Faça um panorama da sua infância e adolescência abordando pontos positivos e negativos, envolvendo família, escola e outros grupos sociais.

2

g) Como essas práticas influenciaram e influenciam até hoje na sua vida social, profissional e acadêmica?

1,